

Gênese da Alma



CAIRBAR SCHUTEL

Coleção de Obras

CASA EDITORA
O CLARIM

Gênese da alma

Cairbar Schutel

Gênese da alma

O transformismo e a evolução anímica

Matão, SP
7ª edição
2011
CASA EDITORA
O CLARIM

Copyright © 1924 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

1ª edição: 1924

Impresso no formato 14x21 cm

7ª edição: agosto/2011, 6 mil exemplares

Reimpressão: março/2018

ISBN 978-85-7357-105-9

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br

www.facebook.com/casaeditoraoclarim

Capa: Rogério Mota

Projeto gráfico: Equipe O Clarim

Revisão: Sonia Lisa Bergman Liesenberg

Catálogo na Publicação (CIP)

S396g Schutel, Cairbar

Gênese da alma / Cairbar Schutel. – 7. ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2011.

136p.; 21 cm

ISBN 978-85-7357-105-9

1. Espiritismo. 2. Estudo doutrinário. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

*Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas
as épocas da Humanidade.*

Allan Kardec

BREVE EXPLICAÇÃO

O único intuito deste livro é demonstrar, com bases sólidas, fatos verificados e verificáveis; e, com argumentos irrefutáveis, a Imortalidade da Alma e, portanto, a Vida Eterna. E para que conseguíssemos aproximar-nos tanto quanto possível dessa verdade, patente hoje aos olhos de todos, era nosso dever traçar as linhas gerais da evolução, a começar do ponto em que se nos mostra o *princípio anímico*, embora em seu período embrionário.

Nesta obra, como nas demais que temos dado à publicidade, nos esforçamos em expor com clareza a Doutrina que propagamos, e que, como o leitor há de ter notado, não é uma “doutrina pessoal”, mas, sim, um conjunto de ensinamentos transmitidos pelos Espíritos da Verdade, Apóstolos da Nova Revelação prometida pelo Maior dos Enviados – Jesus Cristo, ensinados estes que não são impostos como crença cega, sem estudo e sem exame, mas entregues a todos os Espíritos de boa vontade, a todas as almas que conseguiram libertar-se dos dogmas do farisaísmo científico e religioso, que se dispuserem a adotar os métodos indutivos de uma ciência positiva, para chegarem ao conhecimento da Verdade em sua brilhante pureza.

Temos adotado em nossos escritos o trabalho de síntese, talvez mais difícil do que se deliberássemos fazer largas e longas tiradas. Com este alvitre procuramos poupar, ao leitor, enfadonhas e fastidiosas dissertações que, as mais das vezes, obscurecem os princípios que queremos ver elucidados.

E não nos temos arrependido de tal deliberação, razão porque mantemo-la neste livrinho, em que reunimos nossos ditames em poucas páginas, evitando redundâncias que só serviriam para fazer volume.

O Divino Mestre, ensinando seus discípulos, a orar, disse-lhes que não seria pelo muito falar que seriam ouvidos por Deus; assim também não seremos compreendidos pelos homens pela quantidade de palavras, mas sim pela sua qualidade.

Isso não significa que tenhamos a presunção de haver feito obra completa; mas a consciência nos diz que fizemos obra útil.

Se este nosso livrinho conseguir, como um bom cicerone, levar o estudante ao areópago desses grandes benfeitores da Humanidade, teremos recebido o salário do nosso trabalho.

NOS DEGRAUS DA EVOLUÇÃO

O orgulho humano cavou um abismo intransponível entre o reino hominal e o reino animal.

A falta de estudo, de observação, de meditação, em uma palavra, a ignorância presunçosa permitiu o destaque do homem, classificando-o como um ser à parte na Criação.

A velha legenda bíblica: “façamos o homem à nossa imagem e semelhança”, tomada à letra, não podia deixar de concorrer exuberantemente para a desclassificação dos animais da ordem hierárquica que prende todas as almas, sem solução de continuidade, sem lacunas apreciáveis.

A escala animal, situada num dos reinos da Natureza, não pode deixar de obedecer às irrevogáveis Leis de Deus, que se verificam em toda a Criação, desde o grão de areia soprado pelo vento dos desertos, ao mais fulgurante Sol que se agita e caminha com extraordinária velocidade nos desertos do Espaço, em demanda das grandes constelações, atraído pela força de gravitação.

Na Natureza tudo se encadeia, tudo se liga; é uma corrente infinita em que todas as coisas e todos os seres, presos pelos mesmos elos, tendem sempre para um estado melhor: tudo tem por alvo o Progresso, a Evolução para a Perfeição; só Deus, o Supremo Criador de todas as coisas, é a Perfeição Infinita, a Luz Misteriosa e Eterna, a Fonte de Toda a Sabedoria e de Toda a Vida!

Não há santo, nem sábio, por maior que seja, que não esteja caminhando para estágios de maior perfeição; assim como não há ente animado, por mais insignificante que pareça, por mais microscópico que seja, que não esteja submetido à Lei da Evolução, decretada pelos desígnios divinos.

Tudo caminha pela grande estrada da Vida. rumo ao ápice da montanha, do progresso humano, realizado para exercitar passos de maior ascensão pelos degraus da intérmina escadaria da Espiritualidade, onde, em cada andar, todos recebem nova previsão de experiências para o prosseguimento da eterna viagem, na qual conquistam, cada vez, mais conhecimentos e, portanto, gozam de maior soma da felicidade que engrandece as suas individualidades.

Quanto mais alto se coloca o ser, mais amplos são os horizontes que descortina, mais penetrante é sua vista, mais lúcida a sua inteligência, maior o seu amor, maior a sua liberdade! Em vez de diminuir, cresce; em vez de perder a individualidade, aumenta-a; sua razão ilumina-se e os generosos sentimentos que lhe assinalam a existência são forças de que ele se serve ao serviço do Bem e do Belo, para glorificação da Imortalidade, de que se constitui paradigma!

AS RELIGIÕES SACERDOTAIS

Os animais e a metempsicose – A providência divina

As religiões parasitárias têm negado com a maior desfaçatez a alma aos animais. Fascinados pela vida material e seu bem-estar, que visam a usufruir; cerceados pelo dogma execrando que condena o raciocínio, oblitera a consciência e impõe a fé passiva, os sacerdotes, presos às suas doutrinas restritas, trabalham para manter a ignorância do povo, negando-lhe o direito de pesquisa e livre-exame, condição indispensável para a conquista dos conhecimentos que acionam a Evolução Espiritual.

Daí o desprezo pelos animais, os maus tratos aos mesmos infligidos, em completo desacordo com as leis do amor e da caridade, atrás das quais se escondem os ministros e confessores para tirarem delas os proventos materiais. E se é verdade que a caridade tem conseguido fazer alguma coisa pelos pobres animais, muito mais tem concorrido a *metempsicose dos antigos que ensinava a volta ao corpo de um animal da alma do homem mau, para pagar o capital e juros das dívidas contraídas pelos seus desvarios.*

Só o terror de sofrimentos presentes e futuros consegue soffrear as índoles más, o que até faz suspeitar da natureza humana de homens em quem existe a centelha da Luz Imperecível.

Mas não era só a metempsicose; as lendas antigas, que passavam de boca em boca e dizendo do sofrimento que esperava, aos que maltratavam os animais, essas estórias cheias de alegorias, em que se destacavam as “almas forçadas a impetrar a intervenção das almas dos animais”, também muito concorreram para que fossem diminuídos, em certo tempo, os suplícios por que têm passado os nossos irmãos inferiores.

Entretanto, a Providência não tem descurado do bem-estar dos animais, que, se de um lado têm de passar pela escola do trabalho e pelo cadinho do

sofrimento, como o gênero humano, para desenvolverem as suas aptidões, de outro lado têm os mesmos direitos que temos do descanso e do bom trato.

Desde os peixes que vivem no mar e os pássaros que trinam melodiosos cantos nos arvoredos, até o leão das selvas e o gorila que habitam os bravios sertões da África, a Providência proporciona meios de vida, para todos faz levantar o seu Sol, para todos faz descer as suas chuvas; aos peixes dá os rochedos como aconchego; às aves dá os ramos das árvores, o feno dos campos para seus ninhos; aos demais, as frondosas matas e as cavernas para habitação!

“Olhai as aves do céu, diz o Mestre ensinando a Fé e o Amor aos seus discípulos, não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros e o vosso Pai Celestial as alimenta”.

AS TÁBUAS DO SINAI

Ensinos escriturísticos A justiça de Deus

Quando, no Sinai, explodiu o Verbo Divino e apareceram as Tábuas da Lei com os Mandamentos do Decálogo, o Senhor impôs ao homem, como um dos seus sagrados preceitos, a proteção aos animais, aos quais devemos proporcionar “o descanso no sétimo dia”, conforme se nos depara em Êxodo, XX, 10: “Não farás nenhuma obra no sábado (7.º dia), nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, NEM TUA BESTA, nem o teu estrangeiro que está dentro de tuas portas”. Quando o Senhor anunciou o “dilúvio” a Noé, e ordenou-lhe a construção da Arca, mandou-lhe também que recolhesse *todos os animais*, como se verifica em Gênese, VII, 1 a 3.

E para que teria o Senhor criado os animais, se neles não existisse uma *alma imortal*, imperfeita mas perfectível, dotada, portanto, dos atributos essenciais para a conquista da felicidade na senda da Evolução!

Que *deus* é esse que cria seres que sentem e que amam, em quem se verificam os mesmos *cinco sentidos* que caracterizam o *bípede humano*, fá-los passar por uma série longa de sofrimentos e por fim aniquila-os para sempre, extingue-os na noite tenebrosa da morte!

Onde está a justiça, a equidade, a caridade, a sabedoria do Criador, dando a vida a seres inferiores que, não obstante, irradiam inteligência, demonstram perfectibilidade, externam sentimentos afetivos; fisicamente mantêm-se como nos mantemos; suscetíveis ao amor e ao ódio, sentem, sofrem, choram, e não se lhes permite gozar o mérito do seu trabalho, as recompensas dos seus gemidos, os resultados do seu amor, a luz dos seus conhecimentos, a imortalidade da sua vida!

Como poderemos nós, criaturas imperfeitas, amar de todo o nosso coração, de toda a nossa alma um Deus que se compraz no mal, que vive da injustiça, que não ama suas criaturas?

Não, esse *deus* tirano, esse *pai* que cria filhos para os devorar, não é o Deus Sábio, o Deus Bom em quem Jesus e o Espiritismo nos mandam crer!

ALVORADA ESPIRITUAL

Princípios espíritas

Graças ao Espiritismo, Revelação que Deus nos envia pelos Espíritos Superiores, já começa o homem a viver *não só de pão*, mas também dos conhecimentos que vai adquirindo e com os quais se vai engrandecendo para a conquista do Ideal.

A luta pela vida já não impede ao homem o estudo da Criação; o brilho do ouro já não lhe ofusca as vistas com a mesma intensidade, e a Natureza, com toda a sua magnificência atrai-lhe a alma para o Bem e para o Belo, que se desdobram por todo o infinito.

A vida, em luta de séculos contra a morte, começa a ver o seu triunfo, e, daqui a pouco tempo, a morre, na memorável frase do Doutor dos Gentios, *será tragada na vitória*, marcando uma nova era de luz e de verdade para toda a Humanidade.

A Filosofia dos Espíritos, que tem por ponto de apoio a *alma*, com os fatos irrefragáveis por ela provocados e constatados em todos os pontos do globo, não podia descurar a solução do *problema anímico*, ansiosamente esperada pelos homens livres de preconceito, e tão malfadada pelo espírito de seita, esse terrível inimigo das grandes ideias que nos vem libertar da ignorância.

Na verdade, o assunto é tão relevante, digno de tanta consideração, que logo no primeiro livro, *O Livro dos Espíritos*, as inteligências do Alto resolveram abordá-lo com pena de mestre, deixando claro, patente, que: “os animais não são simples máquinas; que, se o instinto domina a maior parte deles, outros operam por vontade determinada, com inteligência; que eles têm uma linguagem para se advertirem e exprimirem as sensações que experimentam; que, embora limitada, eles têm liberdade de ação; que a alma dos animais sobrevive à morte do corpo; que ela segue uma lei progressiva, como a alma humana; que o princípio

inteligente de que são dotados, tiram-no, como o homem, do *elemento inteligente universal*; finalmente, que esses animais passarão um dia, do *reino animal*, para o *reino hominal*, porque a alma do homem, no seu início, na sua infância, teve por origem uma série de existências que *precedem o período que chamamos Humanidade*” .

No cap. XI, 592 a 610, o leitor encontrará explicado o problema que, sem solução, atravessou tantas gerações!

é que da sua solução dependia o estudo claro e sucinto do Porquê da Vida, também atirado aos báratros do *mistério*, pelos cegos condutores de cegos de que falava Jesus no seu ensino parabólico.

OS CEGOS DE ESPÍRITO

É preciso que se tenha conquistado uma caridade quase ilimitada, para suportar com tranquilidade o ataque desleal, injusto e sistemático que contra o Espiritismo movem os sacerdotes de Roma e do Protestantismo. é preciso que se tenha pleno conhecimento dos preceitos cristãos que nos aproximam de Jesus: caridade para com aqueles que nos caluniam e injuriam; é preciso que se conheçam os mandamentos: “Ama aos teus inimigos; faze o bem aos que te odeiam; bendize aos que te maldizem; ora pelos que te perseguem e caluniam, para que sejas filho do nosso Pai que está nos Céus que faz levantar o seu Sol sobre os bons e maus e faz descer as suas chuvas sobre os justos e os injustos”.

De fato, é de admirar que haja criaturas humanas, dotadas de inteligência, que repudiem uma moral, uma filosofia tão pura como do Espiritismo!

Parece inacreditável que pessoas de grande responsabilidade perante Deus, em vez de se dedicarem ao estudo dessa admirável Doutrina, que vem ressuscitar o puro Cristianismo, empreguem toda a sua vida a difamá-la, a negá-la, a caluniá-la, como tem acontecido até aqui!

Essas mesmas pessoas, quando nada mais têm que dizer contra a sublime filosofia que proclama, como nenhuma outra, o Amor do Pai Celestial, com a mesma malevolência que a agridem, perguntam: “Que descoberta nos trouxe o Espiritismo, que novidade nos ensina ele, qual dos mistérios insondáveis foi por ele resolvido?

Ainda mesmo que os Ensinos dos Espíritos não tivessem resolvido: a habitabilidade de outros planetas; a diversidade de raças e condições, pela pluralidade das existências corpóreas; os fenômenos psíquicos, pela ação dos Espíritos encarnados e desencarnados, só este problema da “alma dos animais”, que ele veio resolver, que nenhuma ciência, nenhuma religião nem sequer tentou estudar, só este seria o bastante para distingui-lo como uma Revelação Divina, que marca uma nova fase de progresso para o nosso planeta! Infelizmente, os que têm olhos não veem, os que têm ouvidos não ouvem. Melhor seria que nascessem cegos e surdos, pois assim é possível que em momentos de clarividência e clariaudição compreendessem a Palavra de Vida Eterna!

EUNUCO BRANCO DE DIA – EUNUCO PRETO DE NOITE

Na sua generalidade, o homem nasce, vive e morre sem se conhecer e sem conhecer o que existe no mundo!

O ignorante volve os olhos para o que está em torno dele, e pensa que no mundo todo nada mais existe além do que a sua vista alcança; e se tem notícias de coisas novas, as vê como miragem, esses fenômenos passam por sua alma como sonho fugaz que na mesma hora se apaga.

O sábio entronizado na sua sabedoria, como o rei em palácio, só trata da sua alta individualidade, para quem faz convergir todas as atenções. E assim anda o mundo! Veem cegos, mudos, aleijados, esfarrapados; veem videntes, ricos, sábios bem ornados, pela mesma forma que veem as estrelas do céu e as areias do mar; não lhes estudam os efeitos, não lhes procuram as causas!

Existem bugres, cafres boçais, hotentotes? Existem homens que dificilmente se diferenciam dos gorilas? Existem quadrúmanos que são quase manos? Que importa!

Não faltando o pão e o pagode; havendo pasto para as paixões, campo para os vícios, é o que se quer!

“Saúde e dinheiro é o de que todos precisam”!

“A lei é comer, vestir, desfrutar a vida o mais possível; tudo o que passa daí é banal, irrisório, indigno de cérebros bem formados e de uma sociedade culta como a sociedade atual”.

E assim deixam os homens o cenário do mundo, sem roupas, sem bagagem; entram na Eternidade gelados pelo indiferentismo, apoucados pela negação; e, entenebrecidos pela ignorância se debatem contra a luz que os ofusca, até que, exaustos, atraídos pela materialidade que constituía o seu tesouro na Terra, voltam a habitar um novo e debilitado corpo, em que o fogo depurador das paixões cega-lhes os olhos, torce-lhes os membros para que, verdadeiros parias, descarreguem sobre essa mesma sociedade que os aplaudia e admirava, o peso dos seus sofrimentos, das suas misérias, da sua indignância!

Aqueles que no mundo fecham os olhos à luz da Verdade, e recusam o progresso que, semelhante a grande nau, lhes proporciona viagem de instrução e lhes dá grande soma de conhecimentos, só obterão a cura da sua cegueira no mundo, onde novamente lhes será facultado ingresso para a viagem providencial.

O homem precisa conhecer-se, saber quem é, donde veio e para onde vai, para iniciar-se na Moral Cristã.

O estudo da Moral e da Sabedoria lembra a população de uma ilha, que só pode chegar ao continente pelos meios proporcionados pela navegação; enquanto os rejeita, permanece no meio em que foi colocada.

O BERÇO DA ALMA

Donde viria o homem?

Em que tempos nasceu, em que plagas chorou pela primeira vez?

Onde cresceu? Onde estudou? Onde aprendeu o que sabe?

Vejo homens de frente erguida para o alto, vejo outros curvados em busca dos tesouros da Terra; vejo bons, vejo maus; uns inteligentes, outros estúpidos; uns santos, outros diabos; vejo sãos, vejo enfermos; bonitos e feios; pergunto-lhes donde vieram, quem são e para onde vão, mas nenhum deles me responde!

Mas eu sei que vieram de muito longe, porque trazem no seu físico os traços indeléveis da animalidade e sua alma reflete os instintos dos seres inferiores da criação!

Por mais que o homem se mascare, por mais polido que se mostre, por mais superior que se diga, nunca enganará a visão penetrante do Espírito, que sonda as profundezas da Terra e esquadrinha os refolhos do coração!

Se estudarmos com atenção a alma humana, e lhe remontarmos a origem, veremos o homem desaparecer da Humanidade, e só poderemos encontrar novamente as suas pegadas, deixando o reino hominal e entrando no reino animal, infância espiritual de todos os sábios e ignorantes, de todos os ricos e pobres, de todos os bons e maus, de todos os grandes e pequenos que vagueiam neste mundo de Deus!

Todos nós pagamos o nosso tributo ao *reino inferior* para chegarmos ao reino humano.

Ninguém adquire, sem trabalho e sem esforços, certa soma de bem estar, por menor que seja, nem certo grau de superioridade.

A lei inexorável do destino, que nos leva para estados cada vez melhores, obriga-nos à luta, e a luta não se faz sem dores e sem trabalhos, que nos garantem o mérito das nossas ações.

“Será humilhação para os grandes gênios, o terem sido fetos informes nas entranhas maternas?” – pergunta um elevado Espírito numa mensagem que transmitiu para colaboração de *O Livro dos Espíritos*.

E nós com ele respondemos: “Não, se alguma coisa deve humilhar o homem é a sua inferioridade perante Deus, a sua incapacidade para sondar a profundidade dos seus desígnios e a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo”.

A alma não podia deixar de ter o seu começo, o seu nascimento, no *reino animal*, nos seres da criação, onde passou por todas as transformações indispensáveis ao seu progresso; onde evoluiu, chorando ali, trabalhando acolá, brincando além, para após essas alternativas de tristezas, de gemidos, de lutas e de alegrias, despontar na Humanidade, onde mediante o seu progresso, mais esclarecida e dotada de outros atributos prepara o glorioso surto de gênio para a posse da Vida na Imortalidade!

REVENDO O PASSADO

Todas as almas têm a mesma origem

Não é sem um sadio orgulho que admiro as florestas por onde passei, as lutas que enfrentei, as lágrimas que derramei!

Não é sem pesar que conto o tempo que perdi na inércia, abrasado pelo fogo das paixões más; não é sem gratidão que me elevo ao Senhor, pedindo-Lhe prêmios para aqueles que foram os guias da minha alma, os mestres da minha vida, o lenitivo nas minhas aflições!

Cada corpo por que passei, como as contas de um colar presas pelo mesmo fio, entoava o cântico eterno com que louvo o meu Criador, pelo amparo com que me cercou, pela vida que me concedeu!

“Todas as almas têm a mesma origem, e são destinadas ao mesmo fim; a todos o Supremo Senhor proporciona os mesmos meios de progresso, a mesma luz, o mesmo Amor”. O cão é sempre cão, como o asno é sempre asno, mas o Espírito que anima aqueles corpos vêm de longe e destina-se às esferas elevadas onde reina a felicidade; tudo tem um alvo, e acreditar que Deus criou seres inteligentes sem futuro, seria blasfemar contra a sua bondade e justiça!

Estudai a inteligência e a reflexão do cão, o seu amor-próprio, a sua linguagem, o amor pelo seu dono, os seus atos de verdadeiro heroísmo, e negai, se fordes capazes, que aquele corpo inferior encerra um Espírito, uma alma que pensa, que sente, que quer e que não quer, que ama!

Percorrei toda a escala zoológica, penetrai com espírito investigador todos os animais que formam os seres inferiores da Criação e vereis ao lado do instinto que os movimenta, a inteligência desabrochando como prêmio dos seus sofrimentos!

A Revelação Espírita soluciona o problema da alma do animal, ao mesmo tempo que esclarece a Gênese da Alma.

Para estes estudos que vamos fazer, muito nos valeu a interessante obra *Evolução Anímica*, de Gabriel Delanne, obra que recomendamos à atenção dos leitores e que está de pleno acordo com *O Livro dos Espíritos* e *A Gênese*, de Allan Kardec, extraordinários missionários que enriqueceram a Ciência com livros de real valor, não só para resolver a questão de que tratamos, como também para dar a conhecer a causa dos *fenômenos em geral, da memória, do inconsciente psíquico, do futuro das almas*.

Felizes os que aproveitarem o seu tempo, aproximando os lábios sequiosos da taça da Revelação e beberem a água da sabedoria, para se esclarecerem e poderem ver o passado; apoderarem-se do presente e vislumbrarem o futuro que lhes acena com as magnificências da Vida Imortal!

CORPOS HUMANOS E ANIMAIS

Que diferença existe entre o corpo dos animais e o dos homens?

A forma exterior. Mas a forma exterior, mesmo entre os homens, apresenta enorme diversidade.

Os Docos, de Cafa e Gurage (Abissínia), diz o missionário Krapf, têm traços físicos que denotam uma grande inferioridade.

Mesmo entre os homens civilizados a diferença de corpos é patente: uns pretos, outros brancos; uns peludos, outros sem pelos!

Nos homens como nos animais, notam-se os mesmos órgãos, as mesmas funções e modos de nutrição, respiração, secreção, reprodução. Todos nascem, vivem e morrem nas mesmas condições.

Não há na carne do homem, no seu sangue, nos seus ossos, um átomo diferente daqueles que se acham nos corpos dos animais; todos, ao morrerem restituem à Terra o oxigênio, o hidrogênio, o carbono, o azoto que se achavam combinados para os formar.

Ninguém seria capaz de negar que os Quitches e os Lataucas que habitam a África pertencem ao *reino hominal*. Entretanto o explorador Baker afirma que eles se parecem mais com macacos que com homens.

Darwin, depois de ter contemplado os *Fuegianos*, escreveu: “É difícil crer que são nossos semelhantes e habitam o mesmo planeta”.

Os Vedas, do Ceilão, apresentam tipos verdadeiramente bestiais; a conformação do seu crânio é como a do macaco; seu rosto é saliente e alongado como um focinho: seus dentes são projetados para diante, etc.

Por que, pois, concedem alma ao homem e a negam aos animais?!

Naturalmente, aos chefes das religiões estacionárias não convém abordar assuntos desta natureza, que reclamam completa modificação da *fé prescrita* pelos papas e concílios, fé arbitrária que só sabe proclamar a existência de Deus para fazer do Supremo Criador um verdugo que se compraz no mal, que vive inconscientemente sem saber o que faz e sem fazer o que é de seu dever!

Mas, graças às luzes com que o Espiritismo nos vem orientando, o Deus de Bondade e de Sabedoria anunciado por Jesus não tem relação alguma com o

“deus padre”, esse fantasma execrando inventado pelo espírito sectário, por esse *satanás* que se tem transformado em anjo de *luz* e deixa, por onde passa, os rastros de um fogo destruidor, de uma “luz” que queima e arde perpetuamente nas almas vis, feitas de orgulho e de egoísmo.

Um período de trevas se extingue; uma era de Luz saúda a Terra, para que os homens despertem e compreendam que é chegado o sétimo dia em que Deus deve descansar nas nossas consciências.

CONHECE-TE A TI MESMO – “SURGE ET AMBULA”

Homens de boa vontade! Deixai que os mortos cuidem de seus mortos!

Levantai-vos e caminhai, vós todos que desejais a felicidade; acendei as vossas candeias e enchei-as de óleo, para que as trevas não vedem os vossos passos! Leitor, que dedicais a vossa atenção a estas singelas letras, não vos desdenhais ao lado da *mulher de Ló*, porque o fogo não poupará a nova Sodoma!

Fugi dos altares onde se cultiva a idolatria! Fugi da ignorância onde predomina o fanatismo! Caminhai em busca do Ideal, do Ideal Sagrado da Verdade!

O homem precisa saber donde veio, qual é a sua origem, onde e quando nasceu.

A lenda de Adão e Eva já fez o seu tempo.

Hoje todos sabemos que os corpos não reproduzem mais que corpos; que os pais carnis não são pais dos Espíritos!

A diversidade de raças, de condições físicas e morais é uma flagrante contradição com o dogma que nos faz oriundos de um único casal.

A Ciência, em seus fatos inegáveis, tem protestado solenemente contra as concepções absurdas, ilógicas, inconsequentes da descendência de todos os *homens do casal que habitou o Paraíso*.

O véu do mistério que nos separa da Verdade vai cair, e é preciso que caia, ainda que para tal nos seja preciso subir ao Capitólio, para, de um golpe, cortarmos o fio, já fino como o de uma teia de aranha, que mal o pode suster!

Fugi, homens de boa vontade, para que o crepe negro não vos envolva!

Deixai que os zoilos, os papalvos, os fátuos de saber, sejam com ele cobertos, pois está escrito: “Ao que não tiver, até aquilo que pensa ter, ser-lhe-á tirado”.

Não desperdiceis o vosso precioso tempo incensando os dogmas dessas igrejas, jazidas de cadáveres embalsamados!

É tempo de vos conhecerdes e preparardes o vosso futuro.

Surge et ambula!

CIÊNCIA SEM RELIGIÃO

Religião sem sabedoria

Onde está o sábio, onde o padre, que não nos esclarecem sobre o nosso passado?

Onde a sabedoria da “ciência”, e a luz da “religião” que não ilumina os primórdios do meu Espírito, o nascimento da minha alma?

Que direito de censores poderão ter os sábios, que atribuição de “curas das almas”, poderão ter os sacerdotes, se eles são incapazes de desvendar o meu passado, de iluminar o meu futuro?!

Será que a minha existência espiritual está limitada à data da minha existência corporal?

Será que a minha alma foi gerada no ventre materno?

Como se explica, neste caso, a inteligência embrionária de velhos que poderiam ser meus pais, e o desenvolvimento intelectual, superior ao meu, de moços que poderiam ser meus filhos?

Como explicar a moralidade admirável de moços em contraposição com as paixões vis de certos velhos?

Não é a idade que faz a inteligência e a moralidade.

Que será que as gera?

A influência do meio e da educação?

Mas, vemos homens, e as páginas da História deles fazem menção, cujas façanhas ultrapassam a ferocidade dos próprios animais, e, entretanto, foram criados em meio de santidade, privilegiados pela instrução!

De outro lado vemos santos que vicejam entre uma raça maldita e degradada, como um ramo de açucenas entre cardos!

Serão, porventura, a inteligência e a moralidade, o produto do meio e da educação?

Vejam agora se elas são resultantes, propriedades da matéria; se elas são emanções do corpo humano pelo funcionamento do cérebro, dos nervos, do coração, assim como a urina e a bÍlis são secreções dos rins e do fÍgado!

Mas, então, a alma extingue-se com o corpo, assim como não existia antes do corpo existir: é um vapor que desaparece reduzido à cinza o último carvão, é uma chama que se apaga à última gota do combustível, é uma claridade que desaparece ao apagar-se a última torcida?!

Se assim pensarmos, que são as Letras, as Artes, as Ciências, as Religiões?

Se prevalece a química dos corpos, há de haver forçosamente uma matéria, um líquido, uma droga para elaboração do fluido da caridade e da sabedoria!

Qual é esse elemento? Como encontrá-lo? Hoje, que tudo se mede e se pesa, até os mais longínquos astros; hoje, que se conhece a natureza dos fluidos pela cor, pelo perfume, visto que o pensamento se corporifica, como está demonstrado pela fotografia, como, então, não determinam a causa material, o elemento que produz a caridade e a sabedoria?!

Não, nem os sábios, nem os padres serão capazes de resolver o intrincado problema da alma!

As religiões dos padres e a sabedoria dos sábios estão encerradas nas igrejas e nas academias, e das igrejas e academias é que têm saído as mais poderosas forças para impedir o gênio inovador na sua missão progressista.

Não evocamos os padres e os sábios para alcançar deles, ou por eles, o que quer que seja; nosso intuito foi demonstrar a falência dessas instituições, cuja única nobreza tem sido enobrecer os seus “caseiros”, atraindo para eles a admiração do mundo.

Não apelamos para os *padres* nem para os *acadêmicos* esperando que eles nos deem solução do problema, porque eles próprios se desconhecem, não sabem a sua origem, nem o futuro que os espera!

Não invocamos, pois, os mortos para saber dos vivos.

Não é nos templos, nem nas academias, que encontraremos o registro da nossa individualidade, mas, sim, na *escala inferior dos seres, no reino animal*, de que o nosso *corpo carnal* é o mais característico exemplar.

Poderá alguém negar esta verdade, que se evidencia aos olhos de todos os que querem ver?

Examine o leitor, com espírito perscrutador, o reino animal e o reino hominal, e verá que não encontra entre estes reinos limites distintamente traçados.

No extremo do reino animal com o reino vegetal, estão os *zoófitos* ou *animais plantas*, nome que indica pertencerem eles a ambos os reinos, servindo-lhes de traço de união. E no extremo do reino animal com o reino hominal encontramos o orangotango, o chipanzé, o gorila, que a tal ponto apresentam as maneiras do homem que, por muito tempo, foram designados sob o nome de *homens dos bosques*.

Como o homem, eles andam com os pés, servem-se de bastões, constroem cabanas, e com as mãos levam os alimentos à boca.

Comparai esses animais superiores com os homens inferiores, como os Quitches e os Latoucas, com os Fuegianos, com os Vedas do Ceilão, com os Docos de Cafa e de Gurage, por nós lembrados em folhas transatas, e dizei se o reino hominal não está preso pela mesma cadeia ao reino animal, assim como este último ao reino vegetal?

A Ciência da Terra, é a ciência sem Religião, assim como as religiões sacerdotais são sem sabedoria; tanto uma como outra vão desaparecer para dar lugar à Verdadeira Ciência, que vem de Deus!

COMBATE AO PRECONCEITO

Exame perfuntório da escala inferior

A mais grandiosa tarefa que o homem pode desempenhar, e por isso mesmo a mais combatida, é a que consiste em destruir erros enraizados na alma humana durante séculos de obscurantismo.

O preconceito sempre se levanta hirsuto contra aqueles que vêm desbastar o terreno inculdo da ignorância, que guarda os despojos das civilizações extintas.

Já vimos que não há lacunas entre o reino animal e o hominal.

Entretanto, esclareçamos melhor os nossos estudos.

O *zoófito* tem a aparência da planta; como planta, está preso ao solo; como animal, a vida nele é mais acentuada, pois tira a nutrição do meio ambiente.

Imediatamente após os *zoófitos* aparece a inumerável variedade de *pólipos* de corpos gelatinosos, sem órgãos bem distintos e que só diferem das plantas pela locomoção.

Depois, vêm, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto: os *helmentos* ou *vermes intestinais*; os *moluscos*, animais carnudos, sem ossos, dos quais uns são nus como as lesmas, as polpas, os polvos; e outros, guarnecidos de conchas como os caracóis, as ostras, os crustáceos, cuja pele é revestida de crosta dura; como os camarões, as lagostas.

Logo após vemos os insetos, nos quais a vida tem uma atividade prodigiosa: neles, o instinto laborioso se manifesta, como acontece com a formiga, a aranha, a abelha.

Estudai esses animais e vereis de quanto são capazes!

Lede a *Vida das Abelhas*, de Maeterlinck, e negai, se tiverdes coragem, a inteligência e o raciocínio a estes pequenos seres.

Na escala inferior, alguns passam por metamorfoses, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta!

Depois vem a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, compreendendo os peixes, os répteis, os pássaros, e, por fim, os *mamíferos*, cuja organização é mais completa.

Entre uma e outra ordem não existe absolutamente solução de continuidade: e sem transição brusca passamos dos *zoófitos* aos *animais vertebrados*.

Depois de uma nítida pesquisa na escala inferior, compreendemos que os animais de organização complexa não são mais do que uma transformação, um desenvolvimento gradual da espécie imediatamente inferior.

Queiram ou não queiram os pregoeiros do *pecado original*, riam os *entendidos*, mas a verdade aí está aos olhos de todos os que quiserem vê-la!

A INTELIGÊNCIA E O INSTINTO – O RACIOCÍNIO E A MEMÓRIA

Evolução do espírito

Que é a inteligência? Que é o instinto? Que é o raciocínio? Que é a memória?

Inteligência é a faculdade de entender, de compreender, de conhecer.

Instinto é o impulso ou estímulo interior e involuntário, que leva os homens e os animais a executarem atos inconscientes.

Raciocínio é a operação pela qual chegamos a uma conclusão ajuizada.

Memória é a faculdade de conservar a lembrança do passado ou de alguma coisa ausente.

Estas definições querem dizer que a inteligência, o instinto, o raciocínio e a memória não são palavras vãs, mas têm uma significação, designam alguma coisa, e essa alguma coisa que cada uma delas exprime, é que deve despertar a nossa mente, quando pronunciamos qualquer dessas palavras.

Por exemplo: quando dizemos que tal ou qual animal tem inteligência, afirmamos que ele entende, compreende, conhece, pois verificamos-lhe a faculdade inteligente em ação.

Ao surpreendermos no mesmo animal uma conclusão ajuizada, uma ação que resultou de uma operação por ele desenvolvida, dizemos que o animal tem raciocínio, porque pensou para executar aquele movimento. A inteligência, ou por outra, os atos inteligentes, requerem meditação, raciocínio.

O mesmo não se dá com as ações instintivas, que são impulsivas, involuntárias, inconscientes.

Outro fenômeno interessante é a memória, cuja faculdade é também peculiar aos animais, como verificaremos no decurso de nossos estudos.

Todos esses atributos do Espírito humano, encontramos-los também nos animais, embora menos desenvolvidos, o que vem confirmar nossa tese, segundo

a qual o animal tem uma alma imortal, perfectível, e, não havendo solução de continuidade entre o reino animal e o reino hominal, claro está que a alma aperfeiçoada do animal, depois de passar o ponto de junção que une os dois reinos, começa novo tirocínio na Humanidade. Donde ainda se conclui que o homem também atravessou a escala zoológica para chegar a ser homem.

Assim fica explicada, a contento, a diversidade de raças, de intelectualidade; o homem fica conhecendo o seu passado, vê a estrada que percorreu; admira o berço em que nasceu, compreende que os dotes que possui foram conquistados pelo trabalho, pelo sofrimento que conduz ao estudo, que abre a inteligência, exalta o raciocínio, para bem constituir a nossa individualidade e guiá-la para horizontes mais dilatados.

Como se vê, esta doutrina proclama a Justiça Divina, ao passo que a doutrina do *pecado original* deprime os atributos divinos.

O TRANSFORMISMO DE LAMARCK, DARWIN E OUTROS

O Monismo de Haeckel em face do Espiritismo

Os estudos de Lamarck, Darwin, J. Müller, Huxley, Haeckel e outros no terreno da matéria, não deixaram de concorrer para o desbravamento da seara, esterilizada pelas doutrinas dogmáticas.

Haeckel, em sua obra *Enigmas do Universo*, tentou também o estudo da alma, mas com espírito tão preconcebido que só soube procurá-la no lado material dos seres; só a encarou pelo lado fisiológico, considerando-a precipitadamente um produto da matéria: *um fenômeno da Natureza*.

Para Haeckel, o mundo espiritual era uma fantasia poética; por isso, não admitia o livre-arbítrio, etc.

Mas, sob o ponto de vista fisiológico, Haeckel é grande, porque legou à Humanidade importantes lições que forçosamente conduzirão o homem à Psicologia Moderna, como aconteceu com o Professor César Lombroso, convertido ao Espiritismo, que soube encarar esta doutrina sob o ponto de vista *monista*, infundindo na obra de Haeckel o *espírito vivificante*.

Sob o ponto de vista filosófico, em face do testemunho que os fatos espíritas apresentam, a obra de Haeckel, considerada materialmente, não vale um caracol: é dogmática, intolerável, inverossímil.

De fato, seu *transformismo* com abstração do Espírito de tudo faz *obra do acaso*, e todos sabem que acaso é uma palavra que exprime *ignorância* pela mesma forma que a palavra *mistério* designa coisa que se não compreende.

Entretanto, os trabalhos de Haeckel em face do Espiritismo, que proclama a Evolução, tem real valor.

O acaso desaparece para os espíritas e em lugar deste aparece o Espírito em evolução contínua.

O mesmo acontece no lado religioso; com o desaparecimento do *sobrenatural* e do *mistério* a alma sobressai como fator de fenômenos até aqui inexplicados e inexplicáveis para as Igrejas.

Com o estudo, com o livre-exame, com a experimentação, tudo se compreende; a Verdade esplende, demonstrando-nos a imortalidade da alma.

A LEI DA EVOLUÇÃO ANÍMICA

E o orgulho dos titulares

A Lei da Evolução Anímica é a única que explica a origem da alma, e toda essa diversidade de caracteres que existem no mundo.

Entretanto, ela sofre tão grande repúdio por parte dos sábios, dos titulares das academias, que é para admirar o progresso que, não obstante, tem feito nos espíritos de boa vontade.

Mas qual será o motivo desse repúdio, desses ataques à Verdade? É o orgulho, é o personalismo desmedido, a idolatria que tanto tem deprimido a raça humana!

De fato, haverá maior humilhação para um papa, que se diz representante de Deus na Terra, o ficar ele sabendo, com todos os seus prosélitos, que seu Espírito já fez uma longa travessia pela escala zoológica, já animou o corpo de um suíno e o de um asno?

Haverá maior blasfêmia, pecado mais digno do Inferno Eterno, do que publicar tal coisa, ou mesmo pensar que isso é uma verdade?

O príncipe quereria aparecer diante dos seus súditos, não só com as honras que tem, mas também mostrando o que foi? Poderá conformar-se o conde, o barão, o doutor, o grande do mundo com a lembrança do tempo em que foi pequeno, ignorante, miserável? Ele que aparenta grandeza, sabedoria, virtude que não possui, suportará tal *humilhação*?

Se o mundo costuma conhecer o monge pelo hábito; se é o hábito que aparenta tudo, com que direito vamos nós tirar o hábito aos “monges” para estudar a sua natureza, perscrutar a sua alma, sondar o seu coração, e, ainda mais: transportarmo-nos ao seu passado, que ele renega, para destruir-lhe o altar onde, hirto, se adora e é adorado pelos seus bajuladores?!

É claro que, resolvido o problema da *alma animal*, sua *imortalidade*, sua ascensão ao *reino hominal*, sendo a Lei Divina, para todos eterna, irrevogável, os

coroados que se fizeram *cabeças do mundo, os pais da pátria*, que por ela dão sua alma, seu corpo e seu sangue, os *imortais das academias*, ficariam todos horrorizados quando, num exame retrospectivo de um passado remoto, suas personalidades aparecessem como rechonchudos suínos e orelhudos asnos!

Não convém despertar humilhações. Essa gente quer passar como privilegiada de Deus, até no nascimento!

Ao “grande”, as pequenas coisas envergonham, rebaixam, oprimem; mas, quando eles se mostrarem ante o Senhor, não serão os corpos humildes que eles negaram ter atravessado que rebaixarão as suas almas, mas, sim, as obras más que praticaram, o mau uso que fizeram do seu dinheiro, do seu prestígio, da inteligência que aplicaram em proveito de gozos terrenos e das paixões da carne!

EXEMPLO DA INTELIGÊNCIA DOS ANIMAIS

O Dr. Garner e os macacos – O Gorila do Dr. Hartmann e outros

O ilustrado autor de *A Evolução Anímica*, Dr. Gabriel Dellanne, reproduz no seu livro, que já recomendamos à atenção dos leitores, uma bela coletânea de fatos bem autenticados, que demonstram sobejamente a inteligência dos animais. Mas, quando essa inteligência é cultivada, quando o animal fica sujeito a uma boa educação, então é que bem se pode observar que a alma dos nossos irmãos inferiores, não é tão atrasada como se pensa!

Vamos oferecer aos leitores alguns casos verificados com animais educados.

Está claro que a educação só produz resultado onde há inteligência, pois, sendo o instinto um estímulo inferior, impulsivo, que só produz atos inconscientes, não é suscetível de educação, que depende de raciocínio e de compreensão.

O Dr. Garner, que começou em 1906 a fazer um estudo profundo nas florestas do Congo, pois é partidário das teorias transformistas, pensa que os antropoides nos devem compreender e são suscetíveis de civilização. De fato, segundo afirma, tirou ótimo resultado das pesquisas e do seu trabalho.

O Dr. Hartmann, por sua vez, conseguiu capturar um gorila, que levou para Berlim, com o fim de estudar a inteligência desse animal.

Diz o Dr. Hartmann, a respeito do seu gorila:

“Ele não possuía instinto mau. Tinha o defeito de ser muito teimoso; empregava vários sons para traduzir as suas ideias, ora em tom de súplica, ora de medo. Para mostrar seu contentamento batia as mãos e dava cambalhotas”.

Por fim o ilustre experimentador fez várias observações e relata as provas de inteligência do macaco que usou em suas pesquisas.

Não há muito tempo, a imprensa da Europa e do nosso país muito se ocupou do *Cônsul*, um chipanzé que percorreu a Europa; fumava como um homem e assistiu a vários banquetes em Paris, sentando-se em cadeiras com compostura de um fidalgo.

Outro chipanzé muito célebre foi o *Empereur*, aplaudido no teatro *Olímpiá* de Paris: preparava o seu chá, comia com faca e garfo, passeava de bicicleta!

Um outro, de nome *Esaú*, foi muito célebre em Londres, onde o chamavam o *gentleman chipanzé*. Andava sempre vestido segundo a última moda, trajava smoking, comia à mesa com toda correção; possuía conta corrente no Banco de Londres, e, diante de seus espectadores, assinava cheques!

Esse macaco morreu de uma pneumonia, contraída ao sair do teatro, numa noite fria e úmida. Tinha quatro anos; e o seu proprietário só se consolou com a sua morte pela perspectiva de receber o seguro que ele fizera da vida de *Esaú*, e que atingia a milhares de libras esterlinas.

LIGEIRA CRÍTICA DA PSICOLOGIA HUMANA

Os cães nos Campos de Marte

É preciso estudar a fundo a Psicologia Humana, para distinguir os homens dos “homens”.

Há homens que pensam e pensam bem, procurando nos fenômenos as causas produtoras.

Outros “homens” há, entretanto, que só veem o exterior, e não querem ver mais que o exterior. A incúria destes últimos chega ao ponto de fabricar “deuses” a quem incensam e diante dos quais se curvam, fazendo-lhes rogativas.

A alma dessa gente está tão ligada à matéria, ao *corpo carnal*, que eles chegam a confundir-se com esse corpo; e mesmo depois de passados para a outra vida, porque se veem com um corpo de aparência igual ao corpo de carne que tinham, não se creem “mortos”, isto é, desencarnados, e tudo fazem por continuarem na sua vida habitual, como se nela estivessem!

São “cegos do Espírito”, como os há do corpo, por isso não veem o *Espírito que vivifica!* São inteligências que o peso dos dogmas obstruiu. Daí a necessidade de reproduzir em letras redondas, à guisa de parábola ou ensino alegórico, os fatos que se verificam no mundo e se reproduzem em maior ou menor escala em toda a parte.

Dissemos algo sobre a inteligência dos macacos.

Vamos, tratar da inteligência dos cães, começando pelos “*cães de guerra*”.

A Guerra Mundial de 1914/18, que fez perto de 30 milhões de vítimas, não deixou de aproveitar a muitos que se *foram*, e a outros que *aqui ficaram*.

No número destes incluem-se os cães, que prestaram serviços relevantes, não só nas linhas de fogo, mas também e principalmente na Cruz Vermelha, onde ocuparam postos salientes para a proteção dos feridos.

Ao fim da guerra, só em Paris foram desmobilizados quatorze mil cães (14.000!), muitos deles condecorados por atos de bravura, de dedicação, de fidelidade, de abnegação!

Em vista dos fatos observados, não há dúvida que o cão possui uma alma; sendo inteligente, essa inteligência não pode deixar de ser atributo do *Espírito*; inteligência que chega a conceber a noção do bem e do mal, a ter conhecimento do dever, a possuir até uma moral admirável, que poderia servir de exemplo a muitos homens!

A imprensa fez ampla referência à influência dos cães nos Campos de Marte, de maneira que pedimos aos leitores nos dispensem a narração desses fatos por demais conhecidos, para tratarmos de outros menos conhecidos.

O CÃO DE AUBRY

Um fato histórico narrado pelo Beneditino Bernardo de Montfaucon

A primeira estória que nos acode à lembrança quando evocamos o amor, a inteligência e a fidelidade do cão, é aquela extraída pelo beneditino Bernardo de Montfaucon, do Teatro de Honra e de Cavalaria, de Colombiere.

“Na corte do Rei Carlos V, da França, havia um fidalgo de nome Macaire, que muito invejava um dos seus companheiros, Aubry de Montdidier, favorecido pelo rei. Macaire decidiu assassinar Aubry.

Um dia esperou-o na floresta de Bondy e matou-o.

Ninguém testemunhou o crime, salvo o cão de Aubry, um grande galgo.

O assassino enterrou a vítima no mesmo lugar em que ela caíra, e o cão durante muitos dias dali não se afastou.

Finalmente, impelido pela fome, partiu em direção a Paris, e foi pedir comida aos amigos de Montdidier, voltando em seguida para o ponto em que jazia o corpo do seu dono. Muitas vezes fez o mesmo trajeto.

Finalmente, intrigados por seus gemidos, os amigos de Aubry tiveram a curiosidade de o seguir; e, na floresta, removendo a terra, acharam o cadáver.

Alguns dias após, o galgo, que fora recolhido por um parente do assassinado, avistou Macaire, num grupo de fidalgos e sem hesitação saltou-lhe ao pescoço.

O rei, que a morte do seu favorito havia entristecido, foi informado e ordenou que a experiência se repetisse na sua presença.

Foi trazido o cão, em seguida entrou Macaire, dissimulando-se entre numerosos cortesãos.

O animal não hesitou um instante: correu a ele e atacou-o com violência.

Um inquérito determinou certas provas contra aquele fidalgo, que continuou, no entanto, a afirmar a sua inocência.

– Vamos, resolveu o rei, apelar para o julgamento de Deus.

Foram conduzidos para a ilha de São Luís, o cão e Macaire. Começou o duelo: Num campo fechado entrou Macaire, armado de um bastão. O galgo tinha por defesa um tonel aberto nas duas extremidades, onde ele podia refugiar-se.

O combate foi curto. O animal, correndo em torno do seu adversário, evitava o bastão, quando, de súbito, saltou à garganta do fidalgo. O homem fez sinal para que o libertassem, pois diria a verdade.

Conduzido à presença de Carlos V, confessou o crime, sendo, em seguida, enforcado”.

Em um salão do Castelo de Montargis, um pintor reproduziu a cena desse original duelo. O cão galgo de Montdidier tornou-se célebre na História, mais célebre talvez que o próprio Montdidier, miseravelmente assassinado por um bandido vestido de casaca e que comia à mesa do rei.

Se naquele corpo de cão, não existisse um *Espírito*, uma *alma racional e sentimental*, ele não poderia externar os grandes sentimentos que eternizaram seus feitos.

O CÃO DE MANHEIM

Há poucos anos os sábios de todas as partes foram atraídos pelas extraordinárias faculdades dos “cavalos de Elberferd” e do “cão de Manheim”, cujos fenômenos interessantíssimos concorreram, com exuberância para o esclarecimento da Psicologia Moderna, quer na esfera humana, quer na esfera animal.

Essas provas, facultadas às maiores sumidades do Velho Mundo, afirmam a existência da alma no animal, alma que não pode deixar de ser imortal, e, portanto, perfectível.

Concorreram para o desenvolvimento da Psicologia Humana, porque o homem já não pode mais ser considerado um ser à parte da Criação, mas está estreitamente ligado, segundo os efeitos verificados com tais animais, aos seres inferiores, por onde passam todas as almas, porque, dissemos, todas têm a mesma origem.

Toda a imprensa brasileira e estrangeira tratou dos casos acima referidos: os dos “cavalos de Elberfeld” e o do “cão de Manheim”. As revistas salientaram o fato com todo o carinho.

Os *Annales des Sciences Psychiques*, a *Revue des Sciences*, finalmente, todos, publicaram circunstanciadamente as experiências dos sábios com tais animais, ilustrando suas páginas com provas fotográficas. A maior parte dos estudiosos conhecem esses fatos.

Rolf é o nome do cão, que o Dr. Mockel, advogado em Manheim, tem em sua companhia, e que chega a resolver problemas aritméticos, como todos os experimentadores verificaram.

Dentre os numerosos sábios que têm ido a Manheim, entre os primeiros investigadores contam-se: o Dr. Paul Sarasin, de Basileia; os Professores H. D. Liégler e H. Kaemer, de Stuttgart; o Prof. Claparède, de Genebra, e o Dr. W. Mackenzie, de Gênova. Todos eles conversaram com *Rolf* e dele obtiveram respostas para as suas perguntas!

Rolf transmite o seu pensamento por pancadas correspondentes às letras do alfabeto.

Em 2 de outubro de 1913, o Dr. Volhard esteve em casa do Dr. Mockel, onde conversou com *Rolf*, saindo extremamente impressionado pelo que ouvira e vira. O Dr. Volhard, entre outras coisas, perguntou a *Rolf* do que ele gostava mais no mundo.

Rolf respondeu: “bilder sn Jela (bilder sehen, Jela); quer dizer: “ver estampas Jela”. Jela é uma cadela da mesma raça, sua companheira, que, desde algum tempo, e com resultados satisfatórios, é educada pelo mesmo método; bem assim o *gatinho Daisy*, o qual também resolve alguns problemas aritméticos muito simples e responde na linguagem tiptológica de *Rolf*, a algumas perguntas fáceis.

Se o instinto é capaz de produzir fenômenos inteligentes dessa natureza, vamos concordar que tudo é obra do instinto, tanto nos animais como nos homens.

Mas assim não é, nem pode ser; a causa de tudo é a alma, que é dotada de inteligência!

“ZOU”, O CÃO DA SRA. BORDERIEUX

Os últimos tempos que atravessamos são cheios de fenômenos interessantes.

No momento em que escrevemos, a imprensa dalém e daquém mar trata de um “cão que fala...” Esse cão pertence à Sr.^a Borderieux, diretora da *Revista Psíquica*.

Il Mensaggero, de Roma, assim publica a interessante notícia:

“Depois do cavalo de Eberfeld, que contava, e da foca cantante, do *Varieté* parisiense, temos agora o caso extraordinário de *Zou*, o gracioso cãozinho da Sr.^a Borderieux, o qual, servindo-se de um alfabeto especial, análogo ao dos espíritas, está em condições de manter regular conversação com o homem.

Zou, para se fazer compreender, bate com as patinhas numa tábua provida de números, que representam letras e constrói, assim, de modo assombroso, a palavra!

Zou lê no pensamento de sua dona como num livro aberto e fica todo inquieto quando não lhe pode dar uma resposta.

Neste caso ele movimenta o pé de tal forma que diz: “Não sei”.

Um destes dias um jornalista parisiense teve a honra de entrevistar o “cão que fala”,

Introduzido na casa de Mme, de Borderieux, o jornalista foi logo levado à presença de *Zou*, que estava cochilando na sua bela poltrona.

Prático já do processo vocabular de *Zou*, o enviado do jornal mostrou-lhe diversos números escritos: 9, 17 e 25 – números que o cachorro reconheceu imediatamente, repetindo-os no seu alfabeto!

Depois, *Zou* demonstrou que entendia de operações aritméticas. Disse num instante que $7 \times 4 = 28$; que $9 - 6 = 3$; que $9 + 9 = 18$; que $5 \times 7 = 35$. A questão mais difícil para ele foi a divisão $24 / 6$, que afinal resolveu.

– Como te chamas? perguntou o jornalista.

E *Zou* apontou os números 25 mais 15 mais 21, que significam as letras Z, o, u!

Ao escrever as suas impressões, o jornalista declarou que esse cão entende-se com o homem admiravelmente e que tem mais talento que muitos colegas!”

UMA LEOA DO SAARA

Não há quem possa negar a inteligência dos animais, ainda mesmo os muito inferiores, bem como os seus sentimentos afetivos, de piedade, que poderiam servir de exemplo a muitos homens que ostentam sabedoria e grandezas, mas que, na frase evangélica, são semelhantes aos sepulcros branqueados que são belos em sua parte exterior, mas no interior só contém ossos e podridões.

O pesquisador consciencioso, que tiver suas vistas voltadas para os animais, que estudar a sua psicologia, admirar o seu trabalho, os seus sentimentos do bem e do mal, o seu espírito de sacrifício, não deixará de notar que todos os animais possuem inteligência.

O leitor certamente conhece a fama do feroz leão, esse rei das selvas tão temido dos homens e de todos os outros animais. Pois, o leão não é tão perverso, tão mau, tão irracional, como lhe corre a fama por este mundo afora.

Segundo parece, ele não é de todo estranho aos rasgos, aos surtos da bondade com que Deus regenera os corações!

Vamos narrar um fato memorável, noticiado por toda a imprensa parisiense, por ocasião de uma grande feira que alvoroçou a capital francesa.

“Lançaram na jaula de uma leoa do Saara, um cachorro, que, cheio de terror, foi esconder-se num canto, trêmulo e choroso.

A leoa levantou-se lentamente e aproximou-se do pobre animal, que a mirou com olhar suplicante.

Então a fera deitou-se tranquilamente sem fazer mal ao cão.

Chegou o momento da distribuição da ração às feras, e a leoa foi aquinhoadada, mas não esqueceu de deixar parte de seu repasto ao companheiro de presídio!

Alguns dias depois, o cão comia de camaradagem com sua *protetora!*

Afinal, chegou o inverno; o cachorro já tinha tanta confiança na bondade e na piedade da leoa que dormia entre as suas patas, aquecendo-se um ao outro”.

Este fato não dá lugar a comentários dos partidários do *niilismo animal*; é um quadro deslumbrante que vale mais que todos os catecismos que fanatizam o povo!

O HOMEM DECAÍDO

O Batista no deserto – Daniel na cova dos leões

Não duvidamos de que os homens estejam em escala muito superior à dos animais; mas, tão mau uso a grande maioria dos homens tem feito do seu saber, da sua inteligência, da sua liberdade; tão depravados têm sido para com os dons espirituais que Deus lhes concedeu, que não relutamos, muitas vezes, em fugir dos homens e nos acercar de animais que melhor nos compreendam.

Foi este “pessimismo” que internou no deserto o maior de todos os profetas.

Para João Batista, a convivência com os homens era mais perigosa do que a convivência com as feras.

Sua intuição não o enganou: as feras respeitaram o corpo imaculado do Grande Precursor do Cristianismo, e os homens não lhe pouparam a cabeça; e os que lhe mandaram cortar eram os grandes da sua época; tinham aspecto humano, sem lhes faltar a beleza feminina, a instrução intelectual, o pragmatismo social, mas suas almas, cobertas de lama, transudavam odores de asquerosa podridão!

A História está cheia dessas façanhas, que mostram o ponto a que chega a malícia humana.

Narra o Antigo Testamento que, um dia, os babilônios, revoltados contra o Profeta Daniel, por este afirmar, não ser o Deus Vivo a serpente que aquele povo adorava, exigiram do Rei Ciro a entrega de Daniel, a quem queriam matar.

Satisfeitas as exigências, lançaram o profeta em uma cova, onde estavam sete furiosos leões, aos quais propositalmente haviam negado comida para que com maior voracidade devorassem o ilustre enviado dos Céus.

Mas os leões, apesar de sua fome, respeitaram o corpo do profeta!

Abre, leitor, as páginas da História, e admira esse quadro estupendo!

Um homem repudiado por um povo inteiro, mas respeitado por feras esfaimadas!

Um homem que trazia como única arma a Palavra de Deus, pode fazê-la percebida do “rei das selvas”, o intemerato leão, que apesar de toda a sua ferocidade, da estreiteza de sua inteligência, da pequenez de sua compreensão, teve, em sua alma, uma fenda por onde pode passar a Luz da Piedade Divina, para lhe acender a fagulha do Amor, que o próprio Deus havia inoculado em sua alma infantil!

O que os homens não puderam compreender; o que ao imortal rei dos Persas, que se valia de seu poder e da sua astúcia em todo o reino da Babilônia, não foi dado perceber, porque o orgulho e o egoísmo lhe obliteravam a compreensão, os *irracionais* ouviram com bons ouvidos e viram com bons olhos!

O MUNDO DAS ABELHAS

Amor filial e maternal nos animais inferiores

O mundo novo vem surgindo e os clarins festejam a alvorada espiritual que indicará à pobre Humanidade a senda que tem de percorrer.

Nós, que não estamos plantados no chão sáfaro dos preconceitos, e não trocamos nosso futuro pelo baixo servilismo que escraviza as massas, marchemos, caminhemos, tendo por mira o ideal, que é a luz do porvir!

Já dissemos muito sobre os animais superiores; mais duas palavras sobre os inferiores:

Examinemos ligeiramente o mundo das abelhas.

Sabe muito bem o leitor da inteligência destes insetos e sua aptidão industrial. Fabricam a cera e o mel, substâncias que o homem, com toda a sua inteligência, e mesmo munido de uma Química Industrial é incapaz de fazer!

O espírito de ordem, de obediência; o amor ao próximo; o sentimento de piedade, tudo isso parece bem desenvolvido nas abelhas.

Vamos reproduzir um fato eloquentíssimo, narrado pelo naturalista Réaumur, a respeito destes obreiros.

Diz ele que, certo dia, observava uma abelha que, caindo em uma vasilha d'água, perdera os sentidos devido à sua longa permanência no líquido e aos esforços da sua luta contra o naufrágio. Logo depois chegaram ao local diversas abelhas, talvez da mesma colmeia, cercaram a companheira de todo o cuidado e conseguiram retirá-la da água, não cessando de lhe prodigalizar carinhos, até que obtiveram o seu completo restabelecimento!

Diga-nos agora o leitor se o Bom Samaritano, da Parábola, fez mais ao ferido assaltado pelos ladrões!

Qualquer roceiro sabe muito bem que os animais, até os inferiores, têm amor filial e maternal. Basta ver como a galinha zela e defende seus pintainhos, como

os pássaros, por mais insignificantes, defendem seus filhos e os tratam com carinho.

Dizer que os animais não têm alma, é proclamar abertamente o Materialismo, é abrir bancarrota à Religião!

Mas nenhuma ciência, por mais positiva que se diga, conseguirá destronar a Religião da Verdade, porque ela está fortemente amparada por Deus, que envia agora à Terra os seus mensageiros para tornarem-na conhecida, obedecida e praticada.

Dizem que estamos no “fim do mundo”; pois é uma verdade: os homens do mundo são incapazes de governar o mundo, e a Terra vai passar por uma transformação radical: a Verdade iluminará os quatro ângulos do planeta e uma nova era já se inicia para a nova Humanidade que surge.

LEI PROVIDENCIAL DO TRABALHO

O mundo das formigas

O trabalho, como lei sábia da Providência, outra coisa não é senão um meio de desenvolvimento da atividade e da inteligência.

Para haver inteligência é preciso que haja alma, porque a inteligência é um atributo da alma, logo, todos os seres que trabalham têm uma alma, e não sendo esta o resultado das funções físico-químicas, é imortal.

Isto é intuitivo, é lógico, é claro!

Estamos na escala inferior da Criação; falamos das abelhas, levando os leitores a pensar na atividade, no trabalho industrial que estes insetos desenvolvem; vamos também dizer alguma coisa sobre as formigas.

Estes pequenos obreiros, têm servido de exemplo nas escolas, pela sua vocação laboriosa.

A formiga, além de tudo, sabe fazer distinção do tempo: prepara os seus celeiros, abastece-os para poder alimentar-se no inverno, quando escasseia a vegetação.

No mundo das formigas todos trabalham, e parece existir entre elas verdadeira disciplina.

Nas suas lutas contra os outros insetos, as formigas nunca abandonam no campo os seus feridos: nota-se como que um corpo de ambulância, que percorre o local a recolher feridos.

Verificam-se entre as formigas e os demais seres inferiores, sentimentos do bem e do mal, do justo e do injusto, finalmente, de caridade e de espírito de sacrifício.

Pode-se até afirmar, em vista dos fatos observados na escala inferior dos seres, que a moral não é propriedade do homem, e se ela se tem realçado mais no reino

hominal é porque a observação se tem restringido ao círculo estreito da Humanidade, desprezando o que lhe está em redor.

Mas quando o homem volta suas vistas para os animais, não pode negar os belos sentimentos que também enobrecem essas almas ainda infantis.

Pena é que os homens só vejam os animais para oprimi-los, maldizê-los, a ponto de lhes negar o princípio de vida, cujos direitos o Supremo Criador não deixou de conceder aos nossos irmãos inferiores.

Certamente não deveria o homem assim proceder, porque ao *Ser Superior* compete zelar pelo *inferior*, protegendo-o, amparando-o, ensinando-o, corrigindo-o.

Infelizmente, as religiões que tomaram o encargo de educar as almas, a este respeito nada têm dito; todas elas, cujos representantes são *infalíveis*, têm feito completa abstração da alma dos animais, julgando estes pobres seres como produtos mecânicos, espécie de *moto-contínuo*, entregues ao mundo por limitado tempo.

Nossa Humanidade, ainda em grande atraso moral e científico, tem os sentidos adormecidos; a fascinação do ouro, os esplendores dos cultos, os cânticos sacros, o fumo do turíbulo, todas essas práticas místicas paralisaram o seu raciocínio, o espírito de meditação e de análise, a ponto de os homens terem olhos e não verem, terem ouvidos e não ouvirem as belezas e harmonias da Criação!

SANTO ANTÃO E SEU SUÍNO

Os peixes e Santo Antônio – As “Semanais” da “Ave Maria”

Na escala gradativa dos seres, todos os sentimentos morais: o remorso, o senso moral, o sentimento do justo e do injusto, tudo está em germe em todos os animais.

Pode-se dizer que esses sentimentos diferem, na alma dos animais e na alma humana, unicamente em grau.

O naturalista Agassiz chega a proclamar, a despeito de seus princípios religiosos, a identidade do princípio pensante no homem e no animal.

E por falar em “princípios religiosos”, vamos transcrever das “Semanais”, da revista católica “Ave Maria”, alguns fatos lembrados nessa crônica, a propósito da “morte trágica de uma porca” na Vila Americana, noticiada por essa revista.

“Na História dos Santos os animais têm um belo relevo. Santo Antônio era sempre acompanhado de um porco que lhe devia a saúde e a vida. Certa vez, em Espanha, o célebre cenobita terminava a cura milagrosa de uma rainha quando, de repente, ouviu um grunhido e um puxão no seu velho burel. Voltou-se surpreso e viu uma porca cega acompanhada de um leitão doente.

Condoído do estado do enfermo, curou-o com carinho, e, desde aí, nunca mais o leitão, que com o tempo ficou adulto, abandonou o seu *médico* e amigo.

Aí está o *senso moral* testemunhando a gratidão suína, virtude que poderia ser cultivada em alto grau pelos homens, mas, na verdade, bem esquecida de todos”.

Mas, prossegue o missivista:

“Certos animais até têm dado lições de moral a muita gente. Vejamos os “Milagres de Santo Antônio” em Rimini; pregando ao povo pecador, ninguém o ouvia: foi quando os peixes saíram d’água e vieram escutar o Santo. Os

pecadores, arrependidos ante a atitude dos peixes, correram a Santo Antônio a confessar o negror de suas faltas”.

Não há dúvida de que o homem carece de imagens impressionantes para se render às exigências da Lei, mas é bem verdade que essas imagens se desdobram a todos os momentos a seus olhos, e que às mais das vezes, os olhos ficam voluntariamente cerrados com o intuito de se absterem da luz que os ofusca.

O poder sugestivo do Santo atraindo os peixes que se movimentavam à tona d'água, à Palavra do Evangelho, demonstra cabalmente o espírito de receptividade dos seres inferiores da Criação, quando não seja para assimilar as grandes verdades, ao menos para admirá-las no seu esplendor maravilhoso .

É pena que a “Ave Maria”, com os seus padres, conhecendo essas coisas, não venham também afirmar ao “mundo romanista” a existência do *princípio anímico* na escala inferior da Criação e sua evolução para o *reino hominal*, onde não paramos, mas prosseguimos, de degrau em degrau, ao *reino espiritual* ou *angélico*, para mais e mais nos aproximarmos de Deus!

UM GATO OBEDECE E RECONHECE O ESPÍRITO

A propósito da intuição animal, verificada pelos fatos que narramos, extraídos dos Anais do Catolicismo, lembramos uma interessante sessão, em que o Espírito comunicante queria provar a sua identidade, tão veraz que chegou a ser reconhecida por um gato russo, muito inteligente e que havia conhecido a referida pessoa em vida.

Vamos transcrever *ipsis verbis*, o relato da sessão, publicado resumidamente pela *Revue Spirite*, de Paris.

“Frequentemente os Espíritos, voltando em sessão, aos meios onde viveram, manifestam interesse por minudências fúteis, em aparências, e que se poderia crer longe de seus pensamentos. É assim que em Manchester se manifestou, em casa da médium Miss Morse, uma entidade, outrora familiar à casa: a de um jovem australiano, morto na Guerra do Transval. Em vida este soldado estimava muito um gato russo de propriedade da dona da casa.

O gato nunca fora à sala durante as sessões, mas, quando se manifestou a entidade, as primeiras palavras desta foram que permitissem a presença de *Tony*; e acrescentou que iria procurar o gato.

De repente a mesma entidade disse: Encontrei-o, aí vem ele!

Nesse momento o gato arranhou a porta. Permitido o ingresso do gato, este saltou sobre os joelhos da médium, onde ficou até que o Espírito do soldado prevenisse o encerramento da sessão. Ditas as últimas palavras, *Tony* saltou ao chão e manifestou a intenção de tornar ao seu ninho, no quarto onde o amigo o fora despertar”.

VISÃO E PERCEPÇÃO DOS ANIMAIS

A inteligência nos animais é coisa verificada. A cada passo vêm a público os atos de inteligência praticados pelos cães.

Os cães policiais, os cães de raça, os molossos de guarda, os fraldiqueiros de regaços, as espécies de raça e os tipos característicos da canzoada vagabunda, todos eles têm fornecido fatos em que se evidencia a sua inteligência, ou a bravura da sua índole.

Entre os cães inteligentes aponta-se os da raça dos *Collies*. Os pastores da Escócia dão constantes testemunhos disso.

Acontece, às vezes, a ovelha rolar por um barranco abaixo e ficar estatelada no solo sem poder erguer-se. Nessas condições, se o pastor está longe e não lhe ouve os berros, pode recolher o seu rebanho sem dar conta da ovelha perdida. Se ela não for socorrida poderá morrer de fome ou ser devorada pelas aves de rapina.

Mas toda vez que um cão Collie encontra uma ovelha caída, faz todo o possível para pô-la em pé, a fim de guiá-la para o rebanho; e quando não o consegue, vai avisar o pastor na sua linguagem e gestos e latidos.

Interessante ainda é a percepção dos animais e dom de visão que lhes é peculiar, A este propósito, o *Morning Post*, tratando de fenômenos em que intervém os animais, narra um caso interessante que não quisemos deixar de incluir aqui.

Eis, como se exprime o autor de referida notícia:

“Os cães veem e sentem o que nos é invisível e imperceptível. Outro dia fui a passeio com o meu *fox terrier* a *Sunbury on Thimes*; logo ao aproximar-me de uma casa isolada, perto do rio, o animal, até ali garboso e folgazão, deteve-se, ladrou lugubrememente e pôs-se a tremer; por fim, em atitude ameaçadora, mostrou os dentes para um inimigo, que eu não via, como se me protegesse de um ataque eventual.

Todos os meus esforços para fazer o meu *fox* continuar o caminho foram baldados. Ele recusou-se a passar diante da referida casa, obrigando-me a fazer uma longa volta para chegar ao meu lar. No dia seguinte eu soube que um

homem havia morrido, na mesma hora, nessa casa, em frente da qual o meu cão se recusara a passar”.

Esses fatos se contam aos milhares.

Os cavalos estacam em frente a uma visão, os cães uivam; os gatos, quando se tratam de manifestações insólitas, correm atemorizados.

No interior do Brasil os roceiros possuem uma grande coletânea de fatos dessa natureza, prova de que a visão e percepção dos animais é coisa bem verificada.

O LEÃO DE SÃO JERÔNIMO

Contribuição de a “Ave Maria”

O homem estudioso é sempre agradecido àqueles que lhe proporcionam meios de raciocínio e de desenvolvimento da inteligência, e o irmão dos animais que escreve estas linhas não pode deixar de agradecer à *Ave Maria*, revista católica, pela contribuição que, embora involuntariamente, veio trazer a este livrinho, auxiliando-o a projetar sobre o campo inculto da “evolução anímica” mais essa luz, que será levada ao crédito dos reverendíssimos padres redatores da mesma revista, quando se passarem para o Além-Túmulo.

A narrativa inserta na revista é sobre o Leão de S. Jerônimo:

“Certa vez, nas margens do Jordão, meditava São Jerônimo.

Nisto, um forte leão, alentado e valente, aproximou-se do Santo, arrastando a pata, atravessada por um espinho horrível.

São Jerônimo, pacientemente, tirou o estrepe e o bravo rei dos animais, reconhecido a seu benfeitor (diferente de muitos homens) nunca mais o abandonou; e, quando o seu santo protetor morreu, deitou-se sobre a sua sepultura e acabou os seus dias sobre a campa, morto de fome”.

Este caso é muito semelhante ao do Cão de Macaire, e ao de Daniel.

Aceitamo-lo tal como reza a estória.

Mas se raciocinarmos sobre o ocorrido, não podemos deixar de admitir uma influência do Alto, guiando o leão aos pés do Santo, para que este o curasse.

Está claro que um leão bravio não poderia saber se um homem, em vez de o matar, extrair-lhe-ia um espinho da pata, se não fosse disso intuído ou guiado por alguém. E esse alguém deveria ser provavelmente um *ser espiritual*, encarregado de auxiliá-lo.

Nesse ponto ainda o Espiritismo vem fazer muita luz, afirmando que os Espíritos, por menores que sejam, nunca são desamparados por Deus, que lhes

concede *protetores espirituais*, que os auxiliam na jornada da vida, e, se sofrem injustiças, estas partem sempre de homens de dura cerviz, que não cultivaram o Amor e não obedeceram a Lei.

O quadro que a *Ave Maria* estampou, demonstrando o espírito de súplica, a gratidão, o amor que o leão exemplificou é pois, a afirmação categórica de que no leão, como em São Jerônimo, a alma se patenteia acima dos instintos inferiores, manifestos no corpo; a troca de sentimentos de compaixão, de sentimentos afetivos, de amor, finalmente, salienta-se tanto no Santo como no leão, com a diferença de grau e quantidade; este volume aumenta gradativamente, de acordo com os conhecimentos que se vão adquirindo e à medida que a alma vai crescendo em sabedoria e em moral.

O CORVO MENSAGEIRO E SÃO PAULO, O EREMITA

Na História dos Santos existem narrações muito tocantes a respeito dos animais, e o caráter *miraculoso* que se lhes tem atribuído desnatura todo o escopo divino, que não deixa de demonstrar, em tempo algum, a sua ação em favor de todos os seres da Criação.

O escritor Velasquez, numa das suas obras, tratando da vida de São Paulo, o Eremita, narra interessante episódio, no qual entra um corvo, que era portador de alimento para o referido Santo. Ei-lo:

“No mais esconso deserto do Egito, o Santo tinha fome; sem outro alimento que umas raízes parcas, abandonado dos homens, prestes a morrer, veio a socorrê-lo um corvo, que conduzia no bico uma côdea de pão, oferecendo-a ao Santo.

São Paulo aceitou o manjar, e, desde esse dia, a piedosa ave, durante sessenta anos, ia pontualmente, todos os dias, levar o alimento ao cenobita.

Um dia São Paulo, no deserto, recebeu a visita de um outro solitário, Santo Antônio, Começaram ambos a falar do corvo amigo e bom, quando, de repente, chega a ave, voando mais pesadamente. Trazia dupla ração de pão, para São Paulo e para a visita”.

Este caso parece inverossímil, tanto mais que sabemos o quanto pode a astúcia de Roma em matéria de milagres. Sessenta anos no deserto, sendo alimentado unicamente por um pedaço de pão trazido diariamente por um corvo, é muita coisa!

Em todo caso aceitamos o fenômeno e sobre ele raciocinamos.

Ninguém pode saber se alguém o ensinou, mas o corvo recebeu o ensino para o desempenho do seu mister. Mas de quem, esse ensino? De homem, não foi; conclui-se, portanto, que uma “entidade extraterrestre” o guiava e instruía na tarefa que lhe foi dada, mesmo para a edificação do Santo.

A dupla ração de que o corvo foi portador por ocasião da visita do anacoreta Santo Antônio, esclarece bem o caso: sem a intervenção de terceiro, o corvo não

duplicaria a razão.

Seja como for, este caso caracteriza, ou deve lembrar aos católicos, a existência da alma nos animais; alma suscetível de aprender e progredir.

Ragionare, raciocinar é o de que o homem precisa para se libertar do obscurantismo que o aprisiona à Terra.

O PROGRESSO DA ALMA – A MATÉRIA – O PERISPÍRITO

Deus nada cria inutilmente; tudo tem um fim providencial. Tudo progride, tudo evolui no Universo.

Através de mil formas, nos ziguezagues de uma ladeira ininterrupta, o Espírito caminha para a luz, para a liberdade!

A luta pela vida é um meio de aprendizagem para conquista do Bem e do Belo; os sofrimentos, as dores físicas e morais espiritualizam as almas e as elevam às alturas, onde, cônscias dos seus deveres e iluminadas pela Verdade Promissora de seus destinos felizes, compreendem a harmonia grandiosa das Leis Eternas, e começam a gozar da bem-aventurança: amando a Deus e ao próximo com incessante atividade, para mais e mais subirem no esplendor divino.

A existência da alma nos animais é, pois, um fato evidente, racional, como a existência da alma humana.

O próprio fenômeno da *memória*, que não tem explicação sem as propriedades funcionais do *perispírito*, aparece na escala inferior dos seres, como no reino hominal.

A inteligência e a reflexão também se notam nos animais como nos homens; bem como o amor conjugal, o amor materno, o amor do próximo, o sentimento estético, etc.

Seria justo, pois, que Deus, criando seres com tais predicados, permitisse que a *morte* os extinguisse para sempre? Se assim fosse não haveria também razão de ser da imortalidade humana!

“Mas para onde vão esses Espíritos?” perguntará o incrédulo por sistema. Para o Céu? para o Inferno? para o Purgatório?

Que natureza de Céu, de Inferno, de Purgatório será o deles? dirão os católicos.

Já dissemos que todas as almas evoluem através de corpos cada vez mais aperfeiçoados até despontarem na Humanidade. O princípio inteligente, a alma,

é atraída sempre para destinos mais elevados, para um futuro sempre melhor.

Os Espíritos inferiores da escala, pouco tempo, relativamente, demoram no Espaço, quando desencarnados, e Espíritos prepostos, encarregados de lhes fazer progredir, fazem-nos reencarnar em corpos que estejam de acordo com o seu progresso, até, repetimos, atravessarem toda a *feira zoológica* e chegarem à Humanidade.

Eis a justiça de Deus manifestando-se nas mínimas como nas máximas coisas, como o Sol que se levanta sobre os bons e os maus, como a chuva que fertiliza a seara dos justos e dos injustos.

A Doutrina Espírita é a luz colocada no altar do Universo, para que o homem adore e ame o seu Supremo Senhor.

DEMONSTRAÇÃO POSITIVA DA ALMA DOS ANIMAIS

A sobrevivência da alma animal está provada, não só com argumentos de irrefutável lógica, como também com fatos que a História registra.

As manifestações póstumas dos animais deixam ver claramente que eles são dotados de um *corpo imponderável* que sobrevive à morte do *corpo carnal*.

A mediunidade vidente tem servido de valioso auxílio nesses estudos transcendentais, para os quais muito têm concorrido, por sua vez, o Magnetismo e o Hipnotismo.

É bom se diga que esse *corpo espiritual, imponderável*, de que falamos, não é invenção humana, não é uma concepção filosófica destinada a resolver dificuldades, mas uma realidade física, um organismo sutil que não se conhecia, e que, pela sua composição física e ação que tem o homem, elucida todas as anomalias que as pesquisas dos sábios e dos filósofos não puderam resolver.

A este organismo é que damos o nome de *perispírito*, cuja indestrutibilidade e estabilidade constitucional fazem dele o conservador das formas orgânicas, o renovador dos tecidos para a conservação do corpo carnal, tanto nos homens, como nos animais.

“Não há alma sem corpo”, disseram todos os santos e sábios na Escritura; o *perispírito*, como o termo bem o indica, é a vestimenta, o corpo do Espírito.

O pensamento, o raciocínio, o sentimento, são atributos do Espírito, como o saber e as virtudes são suas aquisições, conquistas e produtos do estudo e do trabalho.

É pois, intuitivo que, não podendo haver manifestações inteligentes sem que haja uma causa inteligente que as produza, não pode, pelo mesmo motivo, haver pensamento, raciocínio e sentimento, se fizermos abstração do Espírito, do qual eles são atributos.

Não é preciso repetir a proposição que transparece aos olhos de todos os que querem ver: que os animais da feira zoológica pensam, raciocinam e têm sentimentos tão nobres, relativamente, como os têm os homens.

Já citamos muitos exemplos, e lembramos ao leitor a necessidade de estudo mais acurado do tema que nos vem ocupando a atenção, no excelente livro do ilustre sábio espírita, Dr. Gabriel Delanne, intitulado *Evolução Anímica*. A teoria da reencarnação do *principio inteligente* através de múltiplos e variados corpos, proclama a indestrutibilidade do Espírito, a sua imortalidade; mostra-nos um destino com perspectivas sempre mais fulgurantes, ao passo que a doutrina da *vida única* aniquiladas nossas aspirações no domínio da matéria e prende o nosso pensamento no círculo estreito das convenções sociais, sempre funestas para a proclamação da liberdade.

MANIFESTAÇÕES PÓSTUMAS DOS ANIMAIS

A aranha de Dassier

A manifestação póstuma dos animais é um fato que não se pode negar. Dentre as muitas registradas nos anais da Psicologia, vamos incluir, neste volume, algumas delas, narradas por pessoas insuspeitas.

Lembramos como prova demonstrativa da alma, o interessante caso narrado por Dassier, no seu livro *L'Humanité Postume*. O escritor não era espírita e até ridicularizava essa doutrina, motivo pelo qual tem, para nós, ainda maior valor a sua observação, reproduzida na obra de Gabriel Delanne.

Eis como Dassier se exprime: “No fim do ano de 1869, achando-me em Bordeaux, encontrei um amigo que ia a uma sessão magnética e que me convidou a acompanhá-lo.

Aceitei o convite, desejoso de apreciar de perto algum fenômeno de magnetismo, que eu ainda não conhecia senão de nome.

Essa sessão nada ofereceu de notável. Era a repetição de reuniões desse gênero:

Uma jovem, parecendo assaz lúcida, fazia o papel de sonâmbula e respondia as questões que se lhe dirigiam.

Entretanto, impressionou-me um fato inesperado. Durante a reunião, uma das pessoas presentes, tendo percebido uma aranha sobre o assoalho, esmagou-a com o pé.

– Contenha-se, exclamou no mesmo instante a sonâmbula: vejo o Espírito da aranha que se evola.

– Qual é a forma desse Espírito? perguntou o magnetizador.

– Ele tem a forma da aranha, respondeu a sonâmbula.

Comentando o caso, diz o Dr. Gabriel Delanne: “O Sr. Dassier não soube a princípio como apreciar essa resposta: ele não acreditava na sobrevivência da alma do homem, muito menos a admitia para os animais: contudo, mudou em breve de pensar, pois cita um grande número de manifestações póstumas de animais, e sempre estes aparecem sob a forma que tinham na Terra. Crê mesmo possível o desdobramento de certos animais durante a vida terrestre”.

O CÃO BOBY DO DR. JORGE GRAESER

Nosso grande mestre Camille Flamarion, autor da incomparável obra *Deus na Natureza*, publicou na *Scena Illustrata*, de Florença, uma interessante narrativa que cabe muito bem neste livrinho, pois é um caso típico das “manifestações póstumas” dos animais, de que falamos. Vamos transcrever *ipsis verbis* o relato de uma dessas manifestações bem como a conclusão que o ilustre sábio tira da mesma:

“Um dos meus jovens colegas da Sociedade Astronômica de França, Jorge Graeser, possuía um soberbo cão chamado *Boby*, o qual lhe era muito afeiçoado. Era um São Bernardo, um colosso que atingia a altura de 1 metro e 80 centímetros, quando se erguia sobre suas patas traseiras para abrir a porta ou para brincar com o seu dono.

“Quando este estudava, o cão ficava silenciosamente estendido a seus pés; seguia-o nos passeios, e não o deixava um instante, nem durante as observações astronômicas. Mas tanto quanto era afeiçoado ao seu dono, assim se mostrava hostil à mãe deste, que não o tolerava, e aos estranhos, que recebia ladrando furiosamente.

“Uma tarde, perto das 19 horas e meia, J. Graeser encontrava-se em seu gabinete, absorvido em um cálculo astronômico, quando ouviu abrir a porta e viu seu afeiçoado companheiro; *Boby* parecia sofrer muito e permanecia imóvel junto à porta

“O dono chamou-o, mas o cão não se movia. Chamou-o novamente, e então o cão foi roçar-se nas pernas do dono e estendeu-se a seus pés. Graeser quis acariciá-lo, porém sua mão agitou-se no vácuo: nada de palpável encontrou. *Boby* só era uma sombra! Maravilhado e inquieto buscou-o por toda a parte. Depois pensou que o teriam matado, e teve o pressentimento de que, talvez, sua mãe o houvera mandado matar. Comunicou-se por telefone com o lugar onde se sequestram cães, e, efetivamente, disseram-lhe que Mme. Graeser o havia levado lá, e que o cão fora morto momentos antes.

O instante da morte coincidira com o da aparição!

“Então os cães são dotados de uma alma semelhante à nossa? Podem, como os homens, manifestar-se à distância em certas condições? Pode existir entre eles e nós comunicações telepáticas?

O problema é complexo; mas, por que não admitir que, no momento de receber o golpe mortal, o afeiçoado cão não tenha pensado em seu dono com a intensidade do desespero e uma onda etérea tenha ido de seu cérebro ao do seu maior amigo?

A telegrafia sem fios nos ajuda a compreender a possibilidade destas transmissões, que nada têm de sobrenatural, e que levam ao domínio da Ciência, certos fenômenos que se atribuíam, dantes, ao Diabo e seus acólitos.

Este fato singular que me foi referido por Graeser não é único no seu gênero”.

E mais adiante conclui Delanne:

“Examinados estes fatos, não podemos deixar de perguntar: 1.º – Se os animais têm uma alma individual como os seres humanos. 2.º – Se esta entidade psíquica sobrevive à morte do corpo. 3.º – Se certos fenômenos podem ser atribuídos às almas dos animais, especialmente às dos cães.

Que um número de almas humanas não tem valor algum intelectual nem moral, é evidente. Que a sobrevivência espiritual não as interessa mais depois da morte que durante a vida, é provável. Que alguns animais, e entre eles alguns cães, sejam inconscientemente agarrados ao homem e possam assim ficar, mesmo além da vida, podemos admiti-lo.

É uma hipótese, sobre a qual muito se pode trabalhar. A demonstração de vários casos pode demonstrar esta possibilidade”.

MANIFESTAÇÃO DE UM CÃO

Coleta do “Morning Post”

A imprensa de além-mar nestes últimos anos se tem ocupado muito dos “fenômenos psíquicos”, porque parece serem eles o assunto predileto dos leitores.

Jornais europeus, de grande tiragem, bem como a imprensa americana, que tira mais de um milhão de exemplares, na edição da manhã, e mais ou menos isso na edição da noite, todos se referem a uma sessão espírita, ou, pelo menos, não deixam ao vento esses fenômenos que vêm chamar a nossa atenção para a Imortalidade.

O *Morning Post*, tratando de fenômenos em que intervém os animais, publicou a curiosa manifestação que se vai ler:

“Uma senhora ficou muito triste com a morte do seu cão. Na noite seguinte ela vê o cão aproximar-se de seu leito.

Na outra noite, o cachorrinho apareceu ainda, mas desta vez acompanhado por um cão d’água.

Ora, esta senhora habita uma casa alugada. E indo visitar seus proprietários, ela conta-lhes esta estória: então eles pedem-lhe que descreva o outro cão que ela vira.

Satisfeito o pedido, eles dizem:

– É justamente o nosso pequeno cão; ele morreu há tempos, quando habitávamos a casa, e foi enterrado no jardim!

A locatária ignorava completamente os detalhes retrospectivos”.

É outro caso bem interessante de dupla manifestação, com dupla prova de identidade, de dois cães mortos.

Se não houvesse alma no cão, como poderia ele aparecer depois de morto?

OS CÃES DA CRUZ VERMELHA

Os cães da Cruz Vermelha, já o dissemos, prestaram relevantes serviços por ocasião da guerra.

Estes animais tão dedicados e inteligentes, tão fiéis ao homem, são, ao que tudo indica, os mais próximos da Humanidade.

Lamarck achava que o cão e o cavalo estavam mais próximos do homem do que o macaco.

Darwin sustenta a teoria de que o macaco é o último degrau a subir para a Humanidade.

Haeckel, cujas teorias *monistas* são claras, participa deste último modo de pensar.

Pela aparência podemos afirmar que o macaco é o tipo do “homem de então”, do “homem dos bosques”, como o apelidaram.

Mas não há dúvida de que o cão e o cavalo são animais superiores, os companheiros do homem, os seus “comensais”.

O serviço prestado na guerra pelos cães e pelos cavalos é incalculável.

The Red Cross Magazine publicou interessantes feitos em que se salientam os cães.

Na guerra eles procuravam os mortos e os feridos, e transportavam ataduras, algodão e remédios para curativos.

Outros eram *carteiros*: levavam cartas de um a outro ponto e aprendiam e conheciam o nome de cada posto!

Muitos eram auxiliares das sentinelas.

Um oficial francês conta que, uma noite, numa trincheira avançada os cães começaram, de improviso, a dar sinais de grande inquietação. Os soldados, ao verem o que se dava, telefonaram para a retaguarda pedindo reforço; vinte minutos depois deste haver chegado, os alemães descarregaram um ataque, que pôde ser rebatido graças à sagacidade dos cães!

Os cães, adestrados na Rússia, levavam munições desde a retaguarda às trincheiras avançadas.

Os *cães enfermeiros*, como os chamavam, auxiliavam os cirurgiões; internavam-se nos bosques para descobrir os feridos, e, quando encontravam um soldado imobilizado e ferido, acercavam-se dele, acariciavam-no, e, tomando na boca um objeto qualquer do doente, por exemplo, um quepe ou uma correia, levavam-no às barracas da Cruz Vermelha: imediatamente os cirurgiões e enfermeiros aprestavam as ambulâncias e seguiam, guiados por esses mesmos cães, aos lugares onde estavam os feridos.

Interessante é que esse serviço era feito diariamente e com extraordinária dedicação.

Era tal o serviço prestado pelos cães, que os soldados estimavam-nos extremamente, pois, na verdade, eles eram os seus fiéis amigos nos momentos de dores.

Às vezes, os soldados de sentinela faziam-se acompanhar de cães, que farejavam de longe o inimigo e avisavam a aproximação deles.

Estes fatos são eloquentes. Todo o espírito de preconceito, de negação, desaparece em vista da dedicação, da inteligência, do raciocínio desses animais, bem assim dos excelentes serviços prestados por esses nossos companheiros nas agruras da vida.

E assim como acontece com os cães, em menor escala sucede com todos os animais, e a Ciência, a Filosofia, o Romanismo e o Protestantismo, todas as religiões sacerdotais, todos os filósofos e filosofias são incapazes de provar a ausência de um Espírito que os anima, e a imortalidade desses Espíritos, que chegam a se mostrar vivos, mesmo depois do aniquilamento dos seus corpos carnis!

CIÊNCIA E PROGRESSO

O saber é a melhor fortuna que o homem pode conquistar. É pela aquisição de conhecimentos que a alma se desenvolve e se prepara para os surtos da Vida Imortal.

Diz o prolóquio que “o saber não ocupa lugar”. Esta proposição é toda falsa.

Um Espírito sem sabedoria é semelhante a uma casa sem móveis e desabitada; a ninguém oferece comodidade, e em breve vê a sua própria ruína. Ao passo que uma casa bem mobiliada, com todos os requisitos de boa vivenda, bem iluminada, onde não faltam objetos de repouso para o corpo e repouso para o Espírito, se constitui num paraíso por todos desejado.

Assim é a nossa alma: deserta de sabedoria e de virtudes, embora pareça grande é como um desses antigos castelos isolados e temidos, teatro fantasmagórico onde se acendem os “fogos fátuos” da superstição e do fanatismo a denunciar a noite da ignorância que o entenebrece.

Na alma do ignorante, macilenta, abatida, magra, perpassam sombras cruéis, espectros vingadores, visões terríficas!

“O saber ocupa muito lugar”, mas quanto mais sabemos, mais lugar temos para oferecer ao saber, porque a nossa individualidade cresce à medida que crescem em nós os conhecimentos; nossa inteligência se dilata, nosso raciocínio se amplia, nosso sentimento aumenta na razão do nosso aperfeiçoamento, tornando-se as nossas percepções mais nítidas, mais puras, mais espiritualizadas! Por isso o saber precisa entrar no nosso Espírito gradativamente, iluminando nossos passos na Vida Espiritual, como o Sol que nos acompanha gradualmente desde o nosso nascimento e sob cujos influxos exprimimos os primeiros sorrisos.

A alma não começa no berço, nem termina no túmulo. O vento sopra onde quer, e não sabemos donde ele vem”. Nasce a criança impulsionada pelo *princípio anímico*, e também compreendemos que, como o vento, ela vem de longe. É um Espírito que se envolveu na carne, que renasceu na carne, e que vem de remotas eras, formando sua consciência, engrandecendo a sua individualidade, para, um dia, galgar os cimos da vida superior!

Excelsa e admirável Doutrina que não nos compara à matéria bruta!

ADVENTO DO ESPÍRITO – O SÉTIMO DIA

“O princípio espiritual é o corolário da existência de Deus; sem este princípio Deus não teria razão de ser”.

O que diríamos de um monarca reinando toda a sua vida sobre pedras!

Assim, também, como conceber um Deus, que reine eternamente sobre corpos!

Deus é Espírito; sua Palavra é Espírito e Verdade; seu sopro é Espírito de Vida; como negarmos à Divindade sua ação vivificante, criando almas, educando-as, formando-as para felicitá-las!

O *princípio anímico* denuncia o seu nascimento no zoófito.

Não o confundamos com elemento vital.

Este transmite a seiva da vida material aos corpos, quer seja à palmeira dos montes, ao elefante dos desertos, ao ginete das cidades, ao homem das Academias; mas o *princípio anímico*, que ainda não despontou nas ervas, só aparece no zoófito; cresce nos répteis e nas aves, desenvolve-se e aumenta a sua inteligência nos quadrúpedes e quadrúmanos e brilha no homem com fulgurações dos talentos!

O *princípio espiritual*, quanto mais cresce, maiores aquisições faz, mais se individualiza, porque mais conhece, maior é a sua individualidade, constituindo-se um *ente* cheio de vontade, de saber, de poder, a ponto de procurar imitar o seu supremo Criador, e tornar-se, também, um criador, com plena observância dos desígnios divinos.

É assim que ele consegue atravessar os “*dias da criação*”, e, maravilhado ante o Poder e a Sabedoria de Deus, repete com o velho legislador dos hebreus: “Deus descansou no sétimo dia!”

O progresso é lei natural a que se acham submetidos os Espíritos, tenham eles a categoria que tiverem, porque todos devem atingir a perfeição.

A escala inferior dos seres é uma cadeia ininterrupta; nela não existe solução de continuidade, tudo se liga de forma admirável; é como uma ladeira que subimos vagarosamente, sem vermos o declive entre um centímetro e outro.

Aqueles que só olham para cima ou para baixo veem um céu ou um precipício; mas os que, com olhares investigadores, medem o caminho percorrido, compreendem que nenhum precipício existe, nenhuma lacuna, nenhuma fenda, mas tudo oferece ao viajor terreno firme, sem falhas e sem tropeços.

Assim também os que voltam suas vistas para o alto, seguindo sempre o leito por onde têm de passar, até as alturas incomensuráveis; ficam cientes de que, como a alma não parou nos planos inferiores, ainda com maiores vantagens se elevará aos planos superiores, onde a inteligência robustecida permite ao Espírito desferir, pelas cordas harmoniosas da evolução espiritual, acordes cada vez mais belos e mais sonoros, provenientes do seu saber e das suas virtudes.

É o que nos ensina a Doutrina Espírita.

A JUSTIÇA DIVINA E A LEI DO PROGRESSO

Todos os Espíritos são criados simples, ignorantes, mas perfectíveis; a todos Deus criou iguais, a todos Ele concede os mesmos meios de progresso, as mesmas graças, o mesmo amor.

Todos têm o mesmo ponto de partida, todos foram criados para a felicidade, que vão conquistando pelo esforço, pelo trabalho, nas lutas pela aquisição dos conhecimentos que lhes dão o mérito da fortuna imperecível que gozarão, com a consciência do custo, do sacrifício com que os adquiriram!

A luta é longa, é difícil, mas a vitória é certa!

Na Eternidade, a vida imortal que nos é concedida como penhor das nossas fadigas será aproveitada como felicidade perene e, então, todos colheremos os frutos do trabalho regado com suor e lágrimas!

A Justiça Divina não admite concessões, nem privilégios: filhos do mesmo Amor, todos somos herdeiros de parcela igual, quota que vamos recebendo na medida dos nossos méritos, dos nossos trabalhos,

São irrisórios os anexins populares: “Deus criou o cão para morrer ladrando”. “Quem nasceu burro nunca chega a ser gente”.

O progresso é lei inflexível; embora negado, faz valer a sua autoridade, e aqueles próprios que lhe negam ação benéfica e regeneradora, submeter-se-ão, queiram ou não queiram, à influência que exerce todo o Universo.

Todos os animais inferiores, que vivem nos ares ou nas águas, ou que caminham na terra, contêm um *princípio anímico* imortal e acessível à perfeição. Todos eles, por estradas retas ou por caminhos ínvios, despontarão na Humanidade, como o fruto em germe na semente, depois de passar pelos processos de germinação, nascimento, crescimento, florescência, pende dourado, preso às hastes cobertas de folhas verdes!

O que vive, pensa e age não morre; e o que não morre se transforma, regenera, progride através das idades, pela senda da Perfeição atraído pelo Poder de Deus!

As leis materiais com seus fenômenos admiráveis são exemplos, demonstrações vivas do que se passa nos planos invisíveis aos olhos humanos, cobertos ainda, estes últimos, das teias dos dogmas e dos preconceitos!

“Entre a bolota e o carvalho, a diferença é grande, e, contudo, seguindo-se passo a passo o desenvolvimento da bolota, chega-se ao carvalho, e ninguém se admirará de proceder ele da pequena semente. O Espírito também é pequeno ao nascer, mas cresce e se desenvolve. Como o carvalho, cria raízes e tronco, braços vigorosos, largas folhagens, e se constitui na Árvore da Vida, abrigando sob sua fronde e sob as suas ramagens os Espíritos que caminham no deserto arenoso da existência terrena”

Tal é a lei; tal é a lei!

APELO EM FAVOR DOS ANIMAIS

Vós que vedes luzes nestas letras, que traçam a estrada da Evolução Espiritual, e não vos achais mais escravizados peio “gênio do mundo”, à erva que seduz, às flores que encantam, tende compaixão dos pobres animais, não os espanqueis, não os maltrateis, não os repudieis!

Lembrai-vos, amigos meus, que o Pai, em sua infinita misericórdia cerca-os de carinhos, e, prevendo a deficiência de seus Espíritos infantis, lhes dá fartas colheitas sem a condição de que semeiem ou plantem: prados cobertos de ervas e flores odorosas, bosques sombrios, planícies e planaltos, onde não faltam os frutos da vida; rios, lagos e mares, por onde se escoam os raios do Sol, a luz da Lua, o brilho das estrelas!

Sede bons para com os vossos irmãos inferiores, como desejais que o Pai celestial vos cerque de carinho e de amor!

Não encerreis em gaiolas os pássaros que Deus criou para povoarem os ares, nem armeis ciladas aos animais que habitam as matas e os campos!

Renunciai às caçadas, diversão vil das almas baixas, que se alegram com os estertores das dores alheias, sem pensar que poderão também ter dores angustiosas, e que, nesses momentos em vez de risos e alegria, precisarão de bálsamo e misericórdia!

Homens! Tratai bem os vossos animais, limpai-os, curai-os, alimentai-os fartamente, dai-lhes descanso, folga no serviço, porque são eles que vos ajudam na vida, são eles que vos auxiliam na manutenção da vossa família, na criação dos vossos filhos!

Senhores! Acariciai os vossos ginetes, os vossos cães, dai-lhes remédio na enfermidade, tratamento, liberdade e repouso na velhice!

Carroceiros! Não sobrecarregueis os vossos burros e os vossos cavalos como fazem com os homens os escribas e fariseus: impondo-lhes pesados fardos que eles, nem com a ponta do dedo os querem tocar!

Lembrai-vos que os animais são seres vivos, que sentem, que se cansam, que têm força limitada, e finalmente, que pensam, e que, em limitada linguagem,

acusam a sua impotência, a sua fadiga irreparável aos golpes do relho e das bastonadas com que os oprimis!

Sede benevolentes, porque também em comparação aos Espíritos Divinos, de quem implorais luz e benevolência, sois asnos sujeitos à ação reflexa do bem e do mal!

Senhores e matronas! Moços, moças e crianças! Os animais domésticos são vossos companheiros de existência terrestre; como vós, eles vieram progredir, estudar, aprender! Sede seus *anjos tutelares*, e não *anjos diabólicos* e *maléficos*, a cercá-los de tormentos, a infringir-lhes sofrimentos!

Sede benevolentes para com os seres inferiores, como é benevolente, para com todos, o nosso Pai que está nos Céus!

A REVELAÇÃO PROGRESSIVA

Tudo aparece na ocasião própria. A planta não nasce sem que a semente germine; a árvore não dá frutos antes da florescência; o progresso não chega sem que a Humanidade tenha atravessado as fases indispensáveis à maturidade da inteligência, em que o Espírito começa a indagar o porquê das coisas e a examinar o que o rodeia.

No tempo de Moisés o povo judaico não podia compreender o que compreendemos hoje; por isso o grande legislador hebreu escreveu a sua *Gênese* de forma mais compreensível e impressionante aos seus seguidores, sem aprofundar questões que só depois, com o cultivo do Espírito, poderiam ser resolvidas. É sabido o atraso intelectual e moral das gentes daquele tempo, em que predominava a lei do “dente por dente”.

Em virtude de toda essa falta de compreensão, e havendo necessidade de traçar as primeiras linhas da *Gênese*, Moisés fez a raça humana proceder de um único casal, cuja lenda servia para embalar a imaginação infantil do seu povo, que, como a das crianças (e até a de muitos velhos) se satisfazia com a imagem que lhe era apresentada, prevalecendo essa estória fantástica para dar solução provisória à questão que começava a ser ventilada pelos Espíritos mais elevados daquele tempo.

E como poderia Moisés, o inspirado divino, mesmo que soubesse a estória da criação, ensiná-la a um povo de dura cerviz e que, depois de tantos prodígios operados pelos Espíritos para sua libertação do jugo dos egípcios, despojou-se das suas joias para o fabrico do Bezerro de Ouro, ao qual adoraram como sendo o verdadeiro Deus?

Pois se no século dos aeroplanos, automóveis, telegrafia e telefonia, ainda encontramos muita gente de burel e de mitra, muitos literatos de borla e capelo, que repudiam com todas as suas forças o transformismo, a evolução pela escala zoológica, como poderiam os pobres escravos dos egípcios, que tinham acabado naquele instante de obter sua carta de liberdade, receber a *Gênese* tal como ela é?

A lenda adâmica estava muito bem para aqueles que começavam a festejar a sua libertação.

Somente duas raças eram conhecidas: a sua e a egípcia. Os Israelitas seriam os “primogênitos”, descendentes diretos de Adão e Eva; os egípcios descenderiam de Caim (?), que, condenado por Deus, tomou-se progenitor daquele povo que depois os escravizou; e assim ficava tudo explicado para quem não podia compreender outra explicação.

Quanto à origem dos animais, se eles tiveram também o seu Adão e Eva, os hebreus não trataram de inquirir, e os nossos católicos e protestantes também não cogitam disso. Contentam-se em “saber” o que o texto bíblico diz: “No 5.º dia disse Deus: haja peixes e aves; e no 6.º dia: produza a Terra animais de toda a casta”.

* * * *

A Revelação é a base, é o fundamento sólido da Religião e da Ciência; e a Revelação é sucessiva, é gradativa. Na esfera religiosa, a Revelação é o grande ascensor da Humanidade para o progresso intelectual, moral e espiritual.

Foi sobre esta pedra que o Cristo fundou a sua Igreja. Desde os tempos patriarcais até a nossa época distinguimos quatro grandiosas revelações, que se vêm completando e explicando.

A primeira de todas foi a Revelação Abraâmica, na qual o Espírito Mensageiro do Alto se limitou a anunciar a existência de um só Deus, sem prescrever outra obrigação a não ser a do reconhecimento dessa verdade, de que fora portador.

Cerca de dois mil anos mais tarde, Moisés recebe, de um Eloin, Jeová, as Tábuas da Lei, com os Mandamentos do Decálogo, que constituem o começo do Código Divino.

Outros dois mil anos depois, vem Jesus, não mais falando a uma família, como aconteceu na Revelação Abraâmica, que se restringia à gente de Abraão, de Isaac e de Jacó; nem como na de Moisés, que se restringia aos Israelitas, mas estendendo o Mestre a sua Palavra, a sua ação, o seu Verbo à Humanidade toda, confraternizando-a sob a Paternidade de Deus!

Agora, após outros dois mil anos, vem o Espiritismo, que, reproduzindo a Palavra de Jesus, explica-a, amplia-a, como o Mestre havia prometido!

A Primeira, a Segunda e a Terceira Revelações são pessoais, quer dizer, foram dadas por intermédio de Pessoas, de indivíduos: a 1.ª por Abraão, a 2.ª por Moisés, a 3.ª por Jesus.

A última Revelação, a Espírita, a Revelação das Revelações, é coletiva, e os representantes dessa coletividade que a acionam, são os próprios Espíritos, Mensageiros de Deus, que, sob a direção de Jesus Cristo, fazem prevalecer a Lei da Fraternidade, que eles assentam no fundamento sólido da Imortalidade.

Esta Revelação está destinada a fazer lembrar tudo o que Jesus ensinou e a guiar os homens, “ensinando-lhes todas as coisas” (João XIV, 26).

Sua base, como dissemos, é a Imortalidade, e o fim a que ela nos conduz é a Vida Eterna.

A Revelação Espírita brilhará sempre como luz de primeira grandeza, porque ela não limita à Terra a sua ciência, os seus ensinamentos. Vencendo as trevas da “morte”, apresenta aos nossos olhos os inumeráveis mundos que caminham no infinito, as inumeráveis esferas fluídicas que serão nossas futuras habitações, onde receberemos, como prêmio dos nossos trabalhos, lições cada vez mais edificantes e substanciosas, para nossa completa felicidade!

A DOCTRINA DA IMORTALIDADE

A moderna psicologia

Foi justamente quando o espírito de negação e de materialidade triunfava no mundo, e quando esses dois formidáveis exércitos, sacerdotalismo e cientificismo, se digladiavam e destruíam, com prejuízo para a coletividade, que as Potências dos Céus se abalaram e o Espírito de Verdade desceu à Terra, para trazer-nos a nova luz que deveria iluminar os horizontes da nossa Imortalidade!

Então, uma nova Ciência ergueu-se para enfrentar a Ciência que nega a Religião; e uma nova Religião bateu às portas dos templos para pedir, aos seus sacerdotes, contas das suas negações às provas positivas que a Ciência lhes tem oferecido.

O velho mundo foi abalado em suas bases e as partes litigantes, avelhantadas, sem recursos para prosseguirem na sua luta, voltaram suas armas contra quem lhes vinha propor paz honrosa.

O Espiritismo foi repudiado, caluniado, injuriado pelos obscurantistas anchos do saber e do poder humanos, mas a Verdade devia triunfar, pois soara no grande relógio universal a hora das reivindicações sociais! A cegueira de uns e de outros não poderia privar o desenvolvimento da vidência latente de tantos: a VOZ DOS MORTOS fez-se ouvir em todos os cantos da Terra e em pouco mais de meio século o Espiritismo restaurou o Gênio do Cristianismo, ao menos quanto aos memoráveis testemunhos da sobrevivência humana.

Ao par de tantas descobertas e inovações, que vêm transformando nosso mundo num paraíso, o Experimentalismo Espírita faz reviver, em todos, a certeza da Imortalidade, cumprindo assim a previsão do Apóstolo dos Gentios, segundo o qual “a morte será tragada na vitória dos arautos do Ideal Cristão”.

E já não são mais considerações filosóficas, nem floreios de retórica que vêm exaltar a Doutrina da Vida, mas, sim, a eloquência dos fatos persistentes que

desafiam todas as minuciosas investigações e se submetem aos mais escrupulosos exames!

Precedendo a era nova, que o padrão espírita marcou na senda que a Humanidade tem de trilhar, o Magnetismo concorreu com fortes contingentes para abalar as barreiras do Materialismo, tão bem amparadas por Ernest Haeckel nos seus *Enigmas do Universo*.

O magnetismo, com os seus fenômenos de sonambulismo, desdobramento da personalidade e outros de não menor importância, tem deixado patente aos olhos de todos os que querem ver, a existência do Espírito, quer se trate do Espírito humano, quer se trate do Espírito do animal, esse mesmo Espírito independente do corpo carnal.

A visão a distância e no interior dos corpos opacos, os fenômenos de bilocação, de exteriorização da sensibilidade, sobrepujam todos os templos de barro e academias de pedras, construídos pela imperfeita mão do homem.

O *Animismo*, como o denominou Aksakof, por si só explica e demonstra, com lógica irrefutável e fatos irrefragáveis, a existência da alma, independente das *forças nêuricas e cerebrais*, e sua ação volitiva apesar da resistência que a matéria lhe opõe.

Não há que tergiversar: existimos, e nossa individualidade mantém-se indestrutível, sem que para isso concorram com um ceítel o fósforo, as circunvoluções cerebrais, ou a cal da carcaça que abriga nosso cérebro. A memória aí está para testificar esta verdade!

Hoje podemos dizer: *Ego sun, fui et ero!* – Existo, existi e existirei!

A PREVISÃO DE AKSAKOF

Experiências de Puysegur, Deleuse e Du Potet

Com justa razão disse o grande conselheiro russo, A. Aksakof, que foram precisos cem anos para fazer aceitar os fatos do Magnetismo Animal, posto que eles sejam muito mais fáceis de estudar e obter do que os do mediunismo; mas, depois de muitas vicissitudes, eles romperam as barreiras do *ignorabimus* dos sábios, e a Ciência teve de lhes fazer bom acolhimento, acabando por adotar esse filho bem legítimo e batizando-o com o nome de *Hipnotismo*.

E conclui o emérito filósofo com a seguinte predição: “O Hipnotismo é a cunha que força as barreiras materialistas da Ciência para fazer penetrar nelas o elemento *supra-sensível ou metafísico*. Ele já criou a Psicologia Experimental, que acabará fatalmente por fazer compreender os fatos do Animismo e do Espiritismo, os quais, por sua vez, terminarão na criação da Metafísica Experimental (ou seja o Metapsiquismo), como predisse Schopenhauer”.¹

Estas sábias considerações demonstram muito bem o erro em que se acham aqueles que, sem saber o que seja Magnetismo e Hipnotismo, pretendem explicar as Manifestações Espíritas com essas palavras, pronunciadas com completa abstração de sua verdadeira significação.²

Nos fenômenos do Magnetismo e Hipnotismo, que obedecem a uma ordem, quer se trate da *fascinação* ou *credulidade*, até o *sono letárgico*, caminhos esses que conduzem ao desdobramento da pessoa, vemos a manifestação da alma, sua existência evidente, independente, como dissemos, do *corpo carnal*, que não representa outra coisa senão o seu instrumento de manifestação no exterior.

Puysegur, Deleuse, Du Potet e outros, depois de acurados estudos e experiências, concluíram que “o sono magnético, imobilizando o corpo e aniquilando os sentidos corporais, restitui à liberdade o *ser psíquico* (o Espírito),

e o faz entrar em um mundo vedado aos seres corpóreos, mundo cujas belezas e leis o Espírito descreve”.

Em sua *Correspondência Sobre o Magnetismo Vital* diz o Dr. Deleuse: “O Magnetismo demonstra a existência da alma, prova a possibilidade da comunicação das inteligências separadas da matéria com as que lhe são ainda unidas”.

- Um caso de desdobramento (h. e. Lewis)

A propósito das conclusões dos grandes magnetizadores, que citamos, lembramos um caso interessante narrado também pelo Conselheiro Aksakof e testemunhado pelo Dr. Desmond Fitzgerald, que se vai ler:

“H. E. Lewis possuía grande força magnética, de que fazia exibição em reuniões públicas. Em Blackheat, no mês de fevereiro de 1856, numa dessas sessões ele magnetizou uma rapariga a quem nunca tinha visto.

Depois de a ter mergulhado em sono profundo, ordenou-lhe que fosse até a casa dela, e que, em seguida, contasse ao público aquilo que houvesse visto. Ela declarou, então, que via a cozinha, e que lá se achavam duas pessoas ocupadas em serviços domésticos. Lewis mandou, então, que ela tocasse uma dessas pessoas. “Toquei-as, porém elas estão com muito medo”, disse a rapariga a rir-se.

Virando-se para o público, Lewis perguntou se alguém conhecia a rapariga. Sendo-lhe a pergunta respondida afirmativamente, propôs que uma comissão fosse ao domicílio em questão. Diversas pessoas prontificaram-se a isso, e, quando voltaram, confirmaram em todos os pontos o que a rapariga havia dito.

A casa estava efetivamente em balbúrdia e em profunda excitação, porque uma das pessoas, que se achava na cozinha, declarou ter visto um fantasma, e que este lhe tocara no ombro!”

1 - Esta predição cumpriu-se cabalmente com a Metapsíquica de Charles Richet, e ultrapassou-se a si mesma com o advento da Parapsicologia.

2 - Ocorre o mesmo em relação à Metapsíquica e à Parapsicologia.

PROVA DA EXISTÊNCIA DA ALMA PELA FOTOGRAFIA

O fato que levamos ao conhecimento dos leitores, escolhido entre muitos que fazem parte dos Anais Espíritas, suscitou-nos a lembrança de mais dois casos interessantes, obtidos com o auxílio da fotografia.

Extraímos a sùmula do relato do primeiro, do livro *Animismo e Espiritismo*, de Aksakof; e a do segundo, da interessante obra do Dr. Baraduc, *L'Ame Humaine, ses Moviments Lumières*.

“O Sr. Humber, espiritualista muito conhecido, fotografava um jovem médium, o Sr. Herred, que dormia sobre uma cadeira em estado sonambùlico. Viu-se sobre o retrato, por trás do médium, a *imagem astral da sua própria individualidade*, isto é, do seu Espùrito, que se conservava em pé, quase em perfil, com a cabeça um pouco inclinada para o sonâmbulo”.

O outro caso é o seguinte;

“O Dr. Istrati, indo para Campana, disse ao Sr. Tasdeu, de Bucareste, diretor da Instrução Pública na Romênia, que apareceria numa data determinada em Bucareste, sobre uma placa fotogràfica do sàbio romeno, numa distância, mais ou menos, equivalente à de Paris a Calais.

No dia 4 de agosto de 1893, o Dr. Hasdeu evocou, ao deitar-se, o Espùrito do seu amigo, tendo um aparelho fotogràfico aos pés da cama e outro à cabeceira. Depois de uma prece ao seu anjo protetor, o Dr. Istrati adormece em Campana, formando, com toda a força da vontade, o propósito de aparecer no aparelho do Dr. Hasdeu.

Ao acordar, o Dr. Istrati exclamou: “Tenho certeza de que me manifestei na chapa fotogràfica do Dr. Hasdeu, sob a forma de uma figurinha, pois sonhei que assim sucedera e com a maior nitidez”.

Ele escreveu ao Dr. P., que, com a carta na mão, foi encontrar o Dr. Hasdeu, prestes a revelar a chapa.

Transcrevo textualmente a carta do Dr. Hasdeu ao Sr. R.:

“Sobre a placa A veem-se três ensaios, dos quais um, o que marquei nas costas com uma cruz, saiu extremamente bom.

“Vê-se, nela, o doutor olhando atentamente o obturador do aparelho, cuja extremidade em bronze é iluminada pela própria luz do Espírito.

“O Dr. Istrati, voltando para Bucareste, fica muito admirado ao ver o seu perfil fisionômico; sua imagem fluídica é muito característica, pelo fato de apresentar uma expressão mais exata que o perfil fotográfico. A redução do retrato e a fotografia telepática são muito semelhantes”.

A fotografia do Espírito não pode deixar de constituir uma prova evidente da *existência da alma*. proclamada até pela placa sensível!

PROVA DA IMORTALIDADE DA ALMA

Depois das portentosas manifestações dos Espíritos, verificadas no mundo todo, e verificáveis a todos os momentos, sempre que se deliberar investigá-las sem espírito preconcebido, ninguém mais tem o direito de negar a Imortalidade, sem que se livre do qualificativo de *ignorante*, ou pessoa de má-fé.

As materializações, as moldagens, as fotografias, a voz direta, a escrita direta e os fatos que se dão com o auxílio dos médiuns aí estão para confirmarem a sobrevivência do Espírito: Que outra explicação plausível se poderia dar desses fatos maravilhosos? Qual a causa a que se podem atribuir esses fenômenos, todos de natureza espiritual, inteligentes, e cujos efeitos denotam critério, raciocínio, a execução de um plano sabiamente formulado, a manifestação da vontade pela força que molda a matéria, dando-lhe as formas precisas de funcionamento?

O critério sadio proclama os fatos espíritas como provas patentes da Imortalidade! Abstemo-nos de transcrever fenômenos que enchem milhares “de grossos volumes da bibliografia do Espiritismo e do Psiquismo.

O grande livro está aberto a todos, bastando a cada indivíduo voltar suas vistas para estes interessantes estudos, indispensáveis à felicidade, porque é deles que nos vem a certeza do futuro, e é com o seu auxílio que palmilharemos a estrada do dever, que nos foi aberta pelo Amado Filho de Deus, para a posse da Vida Verdadeira, da Vida Eterna, na qual não se conhece a morte!

SÚMULA

O estudo da alma, rico de verdades promissoras, tem sido desprezado pela quase totalidade dos homens.

Infelizmente, com grande prejuízo para a Humanidade, as religiões, presas aos cultos, e as ciências, circunscritas à matéria bruta, não têm esclarecido os homens sobre a sua procedência, a sua situação na Terra, os seus destinos.

O Reinado do Mundo absorveu toda a Inteligência, todo o raciocínio dos “guias das almas”, dos “mestres em Israel”, dos “doutores”.

Mas a noite deveria passar, e, com ela, todas as concepções errôneas que transviavam a Humanidade do Caminho da Verdade. A aurora do novo dia, finalmente, raiou nos horizontes do nosso mundo, e o Reinado do Espírito substituirá, em breves tempos, o Reinado da Matéria.

Já ficamos sabendo que a “matéria” é o objeto do trabalho do Espírito para o desenvolvimento das suas faculdades latentes, e que o nosso *nascimento anímico* se perde na noite dos tempos, havendo-se verificado no primeiro degrau da “escala animal”.

Sabemos mais, que a evolução pela “escala zoológica” se faz sem transições bruscas, não devendo esses corpos ser outra coisa senão degraus por onde subimos, degraus dessa longa escada que vai do zoófito ao homem. É nessas florestas da vida que a alma, princípio inteligente, prepara-se, elabora-se, individualiza-se, desenvolve as suas primeiras faculdades para chegar ao reino nominal.

Todos partimos do mesmo princípio; a todos o Criador concede os mesmos meios de progresso, os mesmos meios de perfeição, a mesma imortalidade; todos nós galgaremos os alcantis da Espiritualidade, cada vez mais ricos de conhecimentos, para podermos afirmar com mais lúcido raciocínio, e mais apurado sentimento, a nossa individualidade, o nosso “Eu” imortal.

Essa Lei, é a grande Lei da Unidade que se manifesta na diversidade, isto é, Lei única para todos, Lei Sábia que preside a toda a Criação, Lei que proclama a Justiça e a Bondade do Supremo Criador! Só ela dá uma saída, um fim, um destino aos animais no seu *princípio psíquico, anímico*, fazendo ver a todos que

o Senhor não deserdou esses entes inferiores por Ele criados, pois encontrarão, no futuro, uma recompensa dos seus trabalhos, terão a compensação dos seus sofrimentos!

Só essa Lei grandiosa explica a contento a diversidade de raças, de condições, de inteligência, de saber, de virtudes. As vidas sucessivas, a pluralidade das existências corpóreas é o fundamento da Gênese da Alma. Obscurecida pelos *escribas*, condenada pelos *fariseus*, negada pelos *doutores da Lei*, a doutrina da pluralidade das existências é a proclamação de todos os atributos de Deus; satisfaz a razão, alegra o sentimento e está escrita no cenário do mundo, em todos os lares, em todas as sociedades com fatos que se não podem negar; a Natureza inteira a proclama como verdade incontestável!

Folgamos imenso que as nossas demonstrações sejam proveitosas a todos aqueles que começam a abordar tão transcendental assunto, ao mesmo tempo que damos graças a Deus por nos conceder luzes, para, com docilidade, recebermos as inspirações dos Seus Mensageiros, que constituem a melhor parte desta obra.

Concluimos secundando o apelo de Allan Kardec, inscrito na sua Gênese: A CIÊNCIA É CHAMADA A CONSTITUIR A GÊNESE, SEGUNDO AS LEIS DA NATUREZA.

A era nova chegou, a época da Ressurreição do Espírito tardou mas não faltou: os ouropéis, as pompas, os mistérios, os dogmas, que impediam a visão do Espírito, já começam a desaparecer, e a Luz brilha em todos os recantos da Terra.

A cada estrofe entoada nos ares à nossa liberdade, a cada hino dos mundos que nos acenam com suas promessas, podemos repetir, como estribilho, a vivificante mensagem de Victor Hugo, que nos foi dada a 7 de julho de 1921:

“O mundo progride; a matéria transforma-se e aperfeiçoa-se; a força afirma-se e intensifica-se; o Espírito aclara-se e impera; do atrito de duas pedras chispam faíscas, das faíscas vem o fogo, e do fogo brota a luz!

O mundo nasceu nas pedras, cresceu no fogo e viverá na Luz! Tudo brilha, tudo vive, tudo caminha, tudo evolui!

As pedras brilham na Terra, as almas fulgem nos Céus; os corpos falam e agem; os Espíritos pensam e sentem; tudo se movimenta, tudo marcha, almas e corpos, estes para a transformação, aquelas para a Imortalidade!

O mundo nasceu para viver, como o fogo para aquecer, a luz para iluminar.

O nada não existe: trevas, morte, sepulcros, não são mais que berços que acalentam as variadas formas da Vida para entregá-las à Eternidade.

A Natureza é muito grande e muito rica para criar, educar e dotar os seres que admiram as suas glórias, que se extasiam aos seus esplendores!

Não há vácuo, hiato, nem lacuna que lhe desvalorize o mérito; tudo se liga, tudo se afirma, tudo se completa na Obra Divina da Criação. O mundo sobe e se transforma, a força vibra e se acentua, o Espírito cresce e se eleva!

Tenhamos fé! A inteligência ilumina suas esferas, e as consciências despertam maravilhadas para a Luz; os Espíritos caminham pressurosos para a Verdade!

Tenhamos fé! o mundo progride, o mundo marcha, o mundo voa; as duas “pedras” chocam-se e do seu encontro ressaltam claridades que iluminam a Terra!

O mundo progride, o Espírito impera!

Tenhamos fé! Com os olhos voltados para o céu é que a alma vê o brilho das estrelas, o poder de Deus!”

Gênese da Alma

O orgulho humano cavou um abismo intransponível entre o reino hominal e o reino animal. A falta de estudo, de observação, e a ignorância presunçosa permitiram o destaque do homem, classificando-o como ser à parte da *Criação*. A alma não poderia deixar de ter o seu começo, o seu nascimento no *reino animal*, nos seres da criação, onde passou por todas as transformações indispensáveis ao seu progresso. Sendo a imortalidade da alma uma lei natural, este livro mostra também que os animais sobrevivem à morte do corpo físico, conservando suas individualidades.



CASA EDITORA
O CLARIM

Lançamentos oportunos
culturais, doutrinários

ISBN 978-85-7357-105-9



9 788573 571059